

A MORTE NÃO EXISTE

Walter Wynn



medina



EDITORA ECO

Tradução:

KLÖRS WERNECK

Abaporu Livros e Cds
- usados e novos -

FRAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Walter Wynn

“Rupert Vive (A Morte não Existe)”

Traduzido do Inglês
Rupert Lives
(P. Leymarie 1920)

Conteúdo resumido

O pastor Walter Wynne busca através da mediunidade dos médiuns (Vango Mr. e Miss Mac-Creade) o contacto com Rupert (Roberto) seu filho morto na primeira guerra mundial. Todos os fatos descritos nesta obra são um testemunho da certeza absoluta da sobrevivência e da imortabilidade da alma humana.

Sumário

Prefácio do Tradutor

Ao Leitor / 11

I - Cético, mas estupefato / 13

II - Novas pesquisas / 30

III - Continuação das sessões nas casas do Senhor Vango e da Srta. Mc Creadie / 40

IV - As pesquisas ficaram cada vez mais interessantes / 53

V - Prova indiscutível / 65

VI - Tão claro como em fotografia / 76

VII - Prova absoluta da sobrevivência / 82

VIII - O Senhor Stead esteve lá? / 90

IX - Novas relações íntimas / 94

X - Em casa de um médium particular / 100

XI - Cada vez mais estupefato / 105

XII - A senhora do "Strand" / 111

XIII - Uma revelação espantosa / 117

XIV - Ouço uma voz / 124

XV - Resultados e conclusões / 128

- Carta do Senhor. J. Arthur Hill, autor do The man is a spirit
(O homem é um espírito)

- Nota do autor a respeito da carta do Senhor J. Arthur Hill.

Prefácio do Tradutor

Pouco sei e, portanto, pouco posso dizer a respeito do Reverendo Walter Wynn a não ser que foi redator do jornal *The Young Man & Woman* e autor de outras obras, além desta, entre as quais as duas intituladas *Secrets of success in life* e *Revelation*.

Era pastor batista de uma Igreja Livre Unida (*United Free Church*) e parecia não ser um crente ortodoxo para o qual tudo que é espírito é o diabo, o demônio, tanto assim que realizou sessões espíritas com vários médiuns particulares ingleses.

Levado provavelmente pelo exemplo de Sir Oliver Lodge, que obteve mediunicamente provas da sobrevivência espiritual de seu filho Raymond, falecido na I Guerra Mundial, como tudo consta de seu livro *Raymond or Life and Death*, já traduzido para o português e outras línguas estrangeiras o Rev. Walter Wynn procurou, anonimamente, também provas mediúnicas da existência espiritual de seu filho Rupert, igualmente falecido na I Guerra Mundial no início do ano de 1917.

Walter Wynn não era propriamente um pastor espírita, pois que ainda apegado aos ensinamentos de sua igreja, mas provou ser um pesquisador honesto e honestamente narrou tudo o que viu e ouviu nas várias sessões realizadas principalmente com os médiuns

Senhor Vango e Srta, Mc Creadie, que não o conheciam pessoalmente, nem de nome, o que torna mais valiosos os resultados de suas experiências.

Viveu depois de dois estimados pastores protestantes que deixaram nome no Espiritismo, pois eram médiuns e escreveram livros bem conhecidos de todos. Um deles, o Rev. William Stainton Moses, deixou uma obra com o título de Spirit Teachings (Ensinos Espiritualistas) e o outro, o Rev. George Vale Owen, deixou outra, ou seja, Life beyond the veil (A vida além do véu), os quais já podemos ler em nossa língua.

Depois dele houve ainda dois pastores protestantes, bem integrados no Espiritismo, que escreveram duas obras preciosas, infelizmente não traduzidas para a nossa língua. Um deles é o Reverendo Charles Tweedale, autor de Man's survival after death (A sobrevivência do homem depois da morte) e o outro o Rev. G. Maurice Elliott, autor de The psychic life of Jesus (A vida psíquica de Jesus).

De quanto escreveu o Rev. Walter Wynn neste livro, quero apenas destacar o que consta do primeiro trecho do capítulo V, sob o título de "Prova indiscutível". Disse ele:

"Creio na realidade dos fenômenos. Penso que eles provam na existência de vida no outro mundo, mas sou igualmente de opinião que a maior parte dos ensinamentos dados nos grupos espiritualistas são decididamente

anticristãos. Muitos espíritos maus e mentirosos se comunicam. Darei minhas razões para esta opinião. Todas as pesquisas não deveriam ser empreendidas senão por pessoas de um espírito equilibrado, livres de tendências místicas, e não possuïrem temperamento nervoso e excitável. Creio que o Cristo e os seus ensinamentos bastam para certas pessoas, que a alma pode encontrar uma paz perfeita e um descanso completo ao aceitarem simplesmente esses ensinamentos e os aplicarem às necessidades da existência. Afirmo tudo isto, mas afirmo também que será da mais alta importância para o mundo inteiro que a Society for Psychical Research (Sociedade de Pesquisas Psíquicas) continue a sua obra. O Senhor Gladstone era igualmente desta opinião. A Ciência deixa de ser científica logo que deixa de lado os fatos. Sem dúvida, muitos dos fenômenos provêm da subconsciência do médium ou do experimentador, mas há os que não podem ser explicados senão pela sobrevivência da personalidade humana. São Paulo tinha razão quando dizia que não combatemos somente contra a carne e o sangue, mas também contra as "forças prejudiciais da atmosfera". E da mais alta importância que as pessoas moças escapem a tais poderes."

O Rev. Walter Wynn teve boa razão em algo do que disse, mas discordo dele quando afirmou que a maior parte dos ensinamentos dados nos grupos espiritualistas eram anticristãos. A meu ver, afirmou

isto porque muitos deles contrariam a teologia de sua igreja. Qualquer espírita ou espiritualista sabe que, nas sessões espíritas, se comunicam espíritos de todas as espécies, de todos os graus de evolução espiritual, pois as pessoas, quando passam para o Além, isto é, para o Outro Mundo, são os que eram na Terra: boas ou más, honestas ou desonestas verdadeiras ou mentirosas, etc. e, se comunicam nas sessões, e muitas vezes fora delas, é pela vontade de Deus. "Provai todos os espíritos Verificai se vêm da parte de Deus", são conselhos que nos são dados no Novo Testamento, os livros sagrados dos cristãos. É assim, e com justa razão que se recomenda um estudo profundo e sério das obras de Allan Kardec, infelizmente ainda não totalmente conhecidas nos países anglo-saxões, pois elas ensinam, inclusive, que as pessoas nervosas e excitáveis não devem tomar parte em reuniões espíritas e mandam passar tudo pelo crivo da razão.

Seguindo precisamente os ensinamentos de Cristo, mormente o "Amai-vos uns aos outros", o Espiritismo kardecista tem como livro básico "O Evangelho segundo o Espiritismo" por lema "Fora da caridade não há salvação" e por norma de conduta "Trabalho, Solidariedade, Tolerância", e as sessões espíritas são feitas principalmente para doutrinação dos chamados espíritos maus e mentirosos, mencionados pelo Reverendo Wynn, os quais precisam conhecer o caminho da salvação em vez de infestarem a atmosfera

terrena, causando, como eles mesmos dizem, guerras entre países e disputas domésticas. É contra as "forças prejudiciais da atmosfera" que lutam os espíritas, numa tarefa salvadora em que os médiuns, homens e mulheres, sacrificam a sua saúde e a sua vida em benefício daqueles que erram pelo Além, sem destino certo e no maior sofrimento espiritual, ansiosos por se porem em contato muitas vezes com os entes queridos que ficaram peregrinando na Terra.

Particularmente reconheço, e creio que não estou só, que os ensinamentos do Cristo bastem como norma de conduta na vida, mas ele mesmo prometeu que, no fim dos tempos, nos enviaria o Consolador para ficar entre nós. O Consolador já chegou: é o Espiritismo puro que veio para ficar, pois os tempos são chegados.

Há cristãos em todas as religiões, pois cristão é o que faz a vontade de Nosso Pai e não simplesmente um título com o qual se pretende alcançar o chamado Céu. Por isto, não faço, ou melhor, não fazemos proselitismo, pois a liberdade de pensamento é hoje um fato e cada um faz a sua experiência terrena na crença religiosa em que nasceu ou adotou na Terra. Trabalho, solidariedade, tolerância. Unamo-nos, pois, para todo o sempre, cristãos de todas as religiões para que sejamos um só rebanho com um só Pastor. E Deus é o Pai, o Criador de todos.

Todos os dias morrem pessoas na Terra. Meu fim, ao traduzir este livro, é o de proporcionar consolo,

resignação e esperança aos que nela perderam entes queridos.

Os mortos vivem!

Não os choreis!

Francisco Klors Werneck

*

Apreste a publicação de seu livro. Ele será lido
pelo mundo inteiro!

(Espírito de William T. Stead)

*

Epístola dedicatória a Srta. Estepe M. Stead
(Redatora da Review of Reviews)

Muito fraca expressão da admiração do Autor pelas suas grandes qualidades e em reconhecimento pelo auxílio que lhe proporcionou a fim de estabelecer a verdade da sobrevivência da personalidade humana.

*

Carta recebida da Srta. Stead
Bank Buildings, Kingsway
London, W. C. I.
3 de abril de 1917

Estimado Senhor Wynn:

Somente esta manhã é que, lendo o jornal The Young Man & Woman, fiquei sabendo que o vosso único filho foi chamado a dar a sua vida pela Pátria. Eu vos envio, assim como à Senhora Wynn, toda a minha simpatia. Conheço muito bem o vácuo que causa a ausência física dos que nos são caros. Sinta-me feliz por saber que vós apreciáis, como o descreveu o Dr. Clifford, "As Grandes Consolações de Deus" e que, nesta hora trágica, encontrastes a paz na fé da palavra de Cristo. O Espiritismo fortaleceu e aprofundou esta paz para mim.

Já refletistes alguma ocasião que talvez o vosso ponto de vista seja um pouco egoísta? Porque vós, vós estais satisfeito e encontrastes a paz, então tudo está bom? E o vosso filho? Não pensais que ele pode estar desejoso de falar convosco? Se ele estivesse na América, não desejaríeis certamente receber notícias dele saber se está sofrendo e se ficou só ao partir da Europa? Não teríeis procurado falar-lhe ou proporcionado uma oportunidade de conversar convosco? Há inúmeros dos nossos caros mortos que perguntam: "Por que não buscais uma oportunidade de entrar em comunicação conosco?"

Sinceramente

a) Estepe M. Stead

Ao Leitor

Não sou senão um repórter e um redator no que diz respeito a este livro. Fiz uma narração absolutamente exata dos fatos. Nada de essencial foi omitido em qualquer relatório. Não discuto os fatos, nem procuro explicá-los. Deixo ao leitor o cuidado de tirar suas próprias conclusões. Estudei os fenômenos da telepatia, da consciência inata e quaisquer hipóteses que pudessem explicá-los e seu de opinião que todas elas se detêm diante da realidade das comunicações. Hoje sou absolutamente da opinião de Sir Oliver Lodge. Eu também falei com o meu filho. Estou certo de que ele falou comigo e publico este livro com a esperança de que ele levará a muitos outros o consolo que os fenômenos me proporcionaram.

Walter Wynn

Prefácio do Tradutor

Nota do Tradutor - Esta obra, cujo título original inglês é Rupert Lives, que significa apenas Rupert ou Roberto vive, já teve uma tradução minha a que dei o título mais significativo de Meu filho vive no Além. Atendendo a ponderações de muitos confrades de que milhões de pessoas não têm filhas nem na Terra nem no Além e que ali se trata de magníficas e valiosas provas da sobrevivência da alma, tanto mais que obtidas por um pastor protestante, e ainda que a sua 1 tiragem foi pequena para um grande público, resolvi refundir a minha primitiva tradução e dar-lhe um

título mais geral, como este, de A MORTE NÃO EXISTE, para ser lido por todos os espiritualistas.

CAPÍTULO I

Cético, mas estupefato

Confesso francamente ter ficado bem impressionado com a leitura de "Raymond", o livro de Sir Oliver Lodge. Fui levado a concluir (tomando o volume em seu conjunto) que Sir Oliver falara realmente com o seu falecido filho, mas haviam algumas coisas me parecendo que não constituíam provas verdadeiras.

Eu havia observado que o jornal British Weekly publicara um artigo muito importante contra o "Raymond" e rejeitara a hipótese da comunicação porque Sir Oliver poderia ser conhecido dos médiuns que procurara.

Como editor do jornal The Young Man & Woman, recebi tantas cartas a respeito das comunicações com os espíritos que resolvi procurar um médium que me fora recomendado pelo falecido William T. Stead. Chamava-se Senhor Vango e morava na Talbot Road 56, na zona oeste de Londres. Não confiei a ninguém a minha resolução e, tendo-me certificado de que o Senhor Vango não me vira nunca e nada sabia sobre a minha vida pessoal, pedi-lhe para me dar algumas manifestações, não importando quais e quantas quisessem, a fim de me provar a possibilidade que têm os seres humanos de se comunicarem com o Além.

A primeira sessão foi um fiasco completo. O Senhor Vango, instalado em seu salão, me descreveu certos espíritos que me cercavam, dizia ele. Pedi-lhe os nomes, mas não tive um só. Não reconheci ninguém pelas descrições que me fez e saí da casa do Senhor Vango dizendo-me que tudo fora perda de tempo, que eu mesmo poderia ter dado todos esses detalhes se me fosse permitido fazer as perguntas que me dirigia o "espírito-guia" de Senhor Vango.

Ia encerrar a sessão quando o médium me disse: "Talvez que não tenhais obtido nada nesta primeira vez. Pelo que me toca, nada obtive antes de sete meses. Tudo o que vos peço é voltar amanhã".

Tendo muita coisa a fazer na ocasião, não lhe fiz promessa alguma.

No dia seguinte, porém, resolvi não ir mais lá, porque já me parecia perda de tempo. Não duvidava, de modo algum, da boa fé do médium. O Senhor Vango me parecia um homem bom e sério, mais o tempo que eu perdera me havia aborrecido.

Durante o trajeto de minha casa para Londres, senti uma impressão estranha. Não sou sensitivo. Sou, ao contrário, muito cético sobre estes assuntos. Faltavam-me provas e ainda mais provas. Durante a manhã inteira uma voz parecia dizer-me: "Volta hoje."

Não pude, durante o dia, desembaraçar-me dessa voz. Em suma, a única maneira de não ouvir mais

estas palavras era obedecer e, à tarde, fui procurar novamente o Senhor Vango.

- Estais completamente certo, Senhor Vango, de que não me conheceis? perguntei-lhe.

- Perfeitamente certo.

- Não fizestes nenhuma indagação sobre a minha pessoa desde à tarde de ontem?

- Nenhuma.

E mais uma vez estava sentada diante do Senhor Vango, em seu salão. De repente pareceu-me que a sua personalidade se transformava. Disse-me então que vários dos meus amigos do Além haviam voltado e pedido a um deles que mo fornecesse provas da presença de todos.

- Quereis fazer o favor de fornecer-me os nomes deles, pedi ao "espírito-guia".

- Ah! disse o "guia", se eu pudesse ouvi-los e vê-los vos daria, mas os nomes têm muitas vezes o som de sinos em surdina.

- Por quê? perguntei.

- Não sei, respondeu o "guia", que o Senhor Vango diz chamar-se Sunflower (Girassol). Compreendo muitas vezes pelos sinais. Traduzo o sentido do que os espíritos me mostram ou me indicam. Sou obrigado a pegar os sons no ar, mas vos prometo comunicar o que ouvir.

- Muito bem. Continuai.

- Os espíritos aqui presentes escolheram um dentre eles para representá-las. Este diz que foi um grande amigo vosso, na cidade em que morais. Ouço o nome de George. Ele garante que só o chamáveis assim e que o visitastes durante a sua última enfermidade. Esteve acamado durante doze dias, mas a morte veio subitamente. Ele me leva para longe de Londres e me mostra uma cidade do campo, que se acha entre duas colinas. Mostra-me água perto de vossa casa; não é mar, porém um lençol d'água no meio do que me parece ser um campo, passando um rio estreito pelo meio da cidade. Agora ele me leva para perto de uma casa isolada, cercada de campos. Era lá que ele morava, a um quilômetro talvez da cidade. De novo faz-me voltar à cidade e me mostra uma fábrica. Não posso ver o que ali se fabrica, mas as mercadorias são expedidas para todo o país. Ele...

- Podeis perguntar-lhe o seu outro nome?

- Oh! como insistis em ter nomes! Diz-me ele que deveis certamente reconhecê-lo pelo que descreveu. Não o reconhecestes?

- Pouco importa os detalhes. Não estou satisfeito. Desejo saber o seu outro nome.

- Bem, se ele me der o outro nome o tereis. Bem sei que não tendes confiança no que vos digo, mas espíritos vos cercam e eles têm a intenção de vos fazer compreender quem são. Estão muito felizes por vos ver aqui.

- Muito bem. Agora dai-me uma prova de que eles me conhecem, um nome, um só, por favor.

Longa pausa ocorreu.

- Sois muito cético. Não o compreendeis. Farei o que puder. Ele me aponta uma parte de vossa cidade, que parece nova. Chama-se New Town?

- Continuai. Contai-me o que ele diz, por favor. Não me façais perguntas. Será que procura dar o nome dele?

- Não sei. Parece tentar. Será Newtown o seu outro nome? Conheceis este nome?

- Conheci um George Newton.

- Ah! É isto. Vós o compreendeis, mas me parece que há igualmente um lugar que se New Town lá onde morais. É verdade?

- Sim, é verdade.

- Ele me faz ver uma igreja cheia de gente; está sentado no estrado junto de vós e do cura. Ouço ainda uma vez "George"... Esta vez agora é o nome do cura. Este sacode a cabeça. Que quer dizer com isto? Aponta-vos com o dedo e diz que o cura sois vós. Mas vós sois padre, vós?

- Não vos ocupeis com o que eu sou. Podeis dar-me o nome dele?

- Certamente, se o puder ouvir, mas o cura (ele sacode ainda a cabeça quando emprego este título) vos aponta com o dedo, diz que sois vós a pessoa principal e conta que eram dois grandes amigos vossos em uma

questão que tivestes, há muito tempo, em uma outra igreja da mesma cidade. Não posso senão dificilmente seguir o que desejam que eu compreenda, porém vos repito as palavras deles. Dizem que se encontram juntos com os espíritos da gente da outra igreja, já agora no Além, e que todos vêm hoje, claramente, que éreis vós que perfeitamente razão naquele caso. Trabalham, neste momento, para influenciar certas pessoas a fim de que elas resolvam o caso. Mas como pode acontecer que sois o cura? É certamente ele quem é o cura. Ouço ainda uma vez o nome "George". Ele sacode novamente a cabeça e vos aponta com o dedo. Sois certamente o chefe dessa segunda igreja. Não compreendo nada disto.

- Não importa. Eu, eu compreendo. São ambos felizes?

- Sim. E ambos trabalham atualmente com membros de outra igreja para reparar o erro cometido.

- Têm mais alguma coisa a me dizer?

- Sim. Tem havido ultimamente reuniões a respeito da questão e haverá uma reunião decisiva daqui há dois meses. Mas é precisa que eles partam. Pedem-vos para voltar amanhã porque outros desejam falar convosco.

Novamente longa pausa.

O médium esfregou os olhos e pareceu sair de um sono profundo.

- Senhor Vango, podeis jurar-me que não me conheceis e que nada sabeis a respeito de quais assuntos acabais de tratar?

- Jura-vos.

- Voltarei amanhã às três horas.

Antes de narrar o resultado da sessão seguinte, devo dizer que os habitantes de Chesham não têm necessidade de nenhuma explicação para o que precede. Em 1906, a Igreja Livre Unida de Chesham foi fundada por causa de uma disputa a respeito de certos assuntos concernentes á Igreja Batista de Broadway, disputa essa que havia sido submetido à Comissão de árbitros da União Batista. Era de opinião, e o sou ainda, de que a decisão da Comissão não foi sábia nem justa. Os árbitros decidiram que eu devia deixar a Igreja de Broadway e me convidaram para fundar uma nova igreja em Londres. Deixei a Igreja bem como a União Batista e recusei a instalar-me em Londres. Permaneci em Chesham, a cidade descrita exatamente pelo médium. Um milhar de homens, mulheres e crianças deixaram a escola e os ofícios religiosos da Igreja de Broadway e então fundamos a Igreja de que tenho a grande honra de ser pastor há onze anos. Era absolutamente da opinião destes últimos e continuo a pensar que eles tinham razão. Penso que, se os árbitros pudessem prever o resultado imediato de sua decisão, teriam tomado uma outra resolução. Dou esta explicação para que os meus

leitores possam compreender os maravilhosos fenômenos que vão seguir nesta, narração.

Quanto ao Senhor George Newton e ao Rev. L. George Carter (este último era um antigo pastor da Igreja Batista de Hinton, Chesham e se vestira sempre como cura), tornaram-se dois dos meus diáconos. George Newton, na época de que se trata, morava a um quilômetro de Chesham, numa casa cercada de campos. Mais tarde havia comprado uma fábrica de calçados em New Town, ou antes, em Townsend Road, Chesham. Ambos tinham os seus lugares junto do púlpito por ocasião dos ofícios religiosos. Durante a sua vida e até a morte, haviam continuado fieis amigos meus. Cada detalhe dado pelo “guia” era exato.

Deixei a Talbot Road 56 com a mente invadida por estranhos pensamentos. Certamente o Senhor Vango não sabia nada de mim.

Minha esposa me perguntou pelo resultado da sessão, porque, nós ambos, não pensávamos senão no nosso filho. O caso da antiga questão da Igreja e os diáconos não me vinham nunca ao pensamento, de modo que não podia ser caso de telepatia. A pergunta feita pela minha esposa respondi: "O que aconteceu? Estou tonto, estou pasmo. Não direi nada por enquanto. Revelei os fatos. É preciso que me acompanhe amanhã. Tenho uma razão para isto. Resolvi agora aprofundar o caso."

A visita feita ao Senhor Vango por mim e a minha esposa não teve nenhum êxito como da primeira vez. Nada de satisfatório: tudo confuso e incerto. Tinha ainda a impressão de Haver perdido o meu tempo e a Senhora Wynn, que é muito espírita, voltou da sessão dizendo que tudo aquilo era duvidoso e que não desejava mais fazer tais visitas. O Senhor Vango fez-nos observar que os resultados eram muitas vezes nulos quando duas ou mais pessoas se reuniam.

- Por quê? perguntei.

- Não vos posso explicar, respondeu. Espero apenas que não deixeis de voltar.

No dia seguinte, fiz a minha quarta visita. O Senhor Vango sentou-se naturalmente como qualquer outro o faria e, após uma pausa bem prolongada, observou de repente:

- Há um grande número de amigos vossos, aqui presentes, vindos para se encontrarem convosco.

- Podem ver-me? perguntei.

- Mas certamente.

(É preciso que eu explique que, estando sozinho, as comunicações eram totalmente diferentes das feitas em outras circunstâncias. É um fato sobre o qual não posso dar nenhuma opinião.)

- Ouvem eles o que eu digo?

- Sim.

- E o podem sempre?

- Não. Isto depende de condições.

- Bem, continuai por favor.

- Vejo os dois amigos que vieram quando de vossa primeira visita.

- Por que as comunicações estavam tão embrulhadas ontem?

- Não sei. A senhora que vos acompanhou não reconheceu ninguém?

- Ninguém.

- No entanto, a irmã, que já vos descrevi, estava presente. Hoje os vossos dois amigos trazem outros. Um deles é um homem muito alto, calvo, de fronte ampla e que respira fortemente ao caminhar. Este ultimo me leva para um dos altos da cidade descrita por mim outro dia e me aponta uma fábrica. Mostra-se feliz por vos ver aqui. Isto o conforta...

(Quero observar que faço uma narração minuciosa do que ele me disse.)

- Deseja agradecer-vos por tudo que procurastes fazer por ele. Compreende agora que trabalhastes todo o tempo para os auxiliar - a ele, à esposa e aos filhos - e não para tirar proveito para vós mesmo. Deveria ter seguido o vosso conselho. Reconhecei-o agora? Ele quer ficar certo de que o reconhecestes.

- Continuai, continuai por favor, sem me fazer perguntas.

- Muito bem, mas, se não o reconhecestes, eu darei detalhes mais simples.

Houve então longa pausa.

- Não consigo captar-lhe o nome. Mostra-me uma peça em que está sentado e aponta para o seu pé inchado.

- Em que espécie de casa residia?

- Ele me leva ao longo de um caminho até uma porta que se acha do lado da casa, Subo os degraus no alto dos quais, defronte de mim, há uma porta que dá para várias peças. Parece um hotel. À direita há um amplo salão. Foi lá, diz-me ele, que sempre vos recebeu. Há, uma mesa grande no meio do salão. Escreve nessa mesa e me mostra um livro de contas. Diz-me que agora já o reconhecestes. É verdade?

- Sim. Reconheço-o perfeitamente (1).

(1) – Todos os moradores de Chesham reconhecerão, na perfeita descrição acima a do falecido Sr. Henry Parker, dono do Hotel da Estação de Chesham, Buckinghamshire. Era diácono de minha igreja e um homem cujas numerosas e belas qualidades bem conheço.

- Faz-me ver uma igreja; está sentado no estrado e, defronte dele, há uma enorme multidão. Agora aponta para vós com o dedo e me dá a impressão de que sois pessoa importante da igreja. Diz-me ainda que já oficiastes em duas outras igrejas desta mesma cidade. Não compreendo nada. Não sois mesmo cura? Em todo o caso não vestis os trajes de um cura.

- Não importa. Estou muito intrigado. Ainda tendes algo a me dizer?

- Sim. Sente-se confortado depois que vos viu.

(Tudo se tornara tão real para mim que espontaneamente disse: "Transmiti-lhe os meus

melhores votos", esquecendo-me de que não me era visível. Os moradores de Chesham saberão julgar se esta história notável é verdadeira ou não, se o médium teria podido conhecer um dos meus diáconos no qual eu não pensara de modo algum. Não pensara senão em meu filho, que só veio depois que formulei certa pergunta que ainda vou referir-me.)

- Ficou tão contente em vos ter visto! continuou o médium. Retira-se para dar lugar a uma jovem muito bonita e a um menino. Recebo a impressão de que esta maça é vossa irmã, que faleceu aos 19 anos de idade, mas tal deve ter ocorrido há muito tempo. Ela vem de esfera muito elevada. Noto o número 5 acima da cabeça do pequeno. Ele cresceu e virou um homem que parece ter atualmente talvez 26 anos. O menino era vosso filho? Morreu com 5 anos de idade. São parecidos. Reconheceis pelo menos um deles?

(Fiquei estupefato e nem podia falar. Minha irmã Kate faleceu, penso eu, com 19 anos de idade, em 1886. Meu primogênito, Ruskin Wynn, morreu mesmo com 5 anos, a 31 de agosto de 1894, pois nasceu em 1 de janeiro de 1830.)

- Podem dar os nomes deles? Ou podem dizer o meu?

Longa pausa novamente ocorreu.

- Não, não os pude captar. Sabem que os reconhecestes e ficaram muito animados.

- Há mais alguém com eles?

- Vários, mas me é inteiramente impossível descrever a todos.

- Há soldados?

- Sim, vêm todas às vezes, mas eu sempre dei preferência aos outros.

- Deixai que os soldados falem.

- Oh! há um deles que se aproxima, que ri e chora ao mesmo tempo. Ele vos abraça, depois me conduz através do mar a uma cidade da França e me mostra o lugar em que tombou: é um espaço descoberto, uma vastidão. Vejo que foi transportado para uma grande construção. Estava completamente aniquilado e morreu cinco horas mais tarde, após horríveis dores no ventre. É vosso filho? Recebo esta impressão. Como ele vos ama!

(Não preciso dizer quanto fiquei transtornado com esta descrição de meu filho e, não podendo ficar calmo, dei por finda a sessão.)

Logo o Senhor Vango voltou a si e eu lhe disse:

- Senhor Vango, jurais sempre que não me conheceis, nem nada do que me diz respeito e que não sabe uma única palavra do que acabais de contar-me?

- Juro pela minha fé de homem honesto, replicou o Senhor Vango.

Tenho a certeza de que ele dizia a verdade. Levei uma semana inteira pensando nesta experiência. Então resolvi manter a minha promessa de assistir a uma outra sessão.

Logo que se sentou em sua poltrona, o Senhor Vango me disse:

- Dar-vos-ei hoje uma prova de clarividência direta. Algumas vezes os resultados são melhores.

Fechou os olhos e disse-me:

- Conhecestes um homem que se chamava. David... son. É este o nome? Davidson? Parece-me que ouço este nome. E um homem delgado, magro, doente há muitos anos, com uma tosse horrível. Leva-me para longe do país para defronte de um homem velho, muito velho, aparentando mais de 90 anos. Ao lado deles está um outro homem, também alto e delgado, o qual usa um chapéu alto de forma e tem os cabelos brancos. Bem perto deles está uma mulher idosa, igualmente magra e delgada, que acaba de chegar ao Além. Durante os seus últimos anos de vida ficou tão magra que se a podia levar com facilidade de seu leito. São parecidos com o da Igreja em que trabalhastes (2). Eles me mostram a igreja.

- Que espécie de construção é essa?

(2) - Tudo isto é bem notável. A descrição é exata em todos os detalhes: 1.º - David Patterson (observai como o guia quase captou este nome); 2.º - Jonathan Bunker, de mais de 90 anos de idade; 3.º - George Freeman; 4.º - Senhora George Freeman. Eram todos membros da Igreja Batista de Broadway. A filha do Senhor e da Senhora George Freeman me contou que as derradeiras horas de sua mãe foram descritas exatamente. É de notar que pouco tempo antes da morte deles, o Senhor Jonathan Bunker e o Senhor George Freeman, dois de meus diáconos que eu estimava sinceramente, me encontraram em Chesham e ambos, apontando para o céu, disseram: Nós encontraremos lá em cinza. Saberemos tudo uma vez lá "Sim", respondi-lhes eu. Estou certo disto. Como esta cena me voltou à memória, durante o tempo em que a relatei!

- Vasta, com um grande órgão no fundo. Há galerias nos lados. Outra galeria na parte da frente. Vejo muita gente no adro. Detrás há uma outra construção. Do lado, existe uma propriedade com cabanas. Recebo a impressão de que essa propriedade pertence à igreja. Eles me apontam duas casas do outro lado do caminho. Tenho a sensação de que essas duas casas pertencem igualmente, de certo modo, à igreja. Há uma renda que vem delas. (Todos estes detalhes são perfeitamente exatos.) Parecem-me bastante preocupados a respeito da igreja.

Outra longa pausa sucedeu.

É preciso que me abstenha absolutamente de continuar esta narrativa. As indicações dadas eram de um caráter tal que não apenas constituíam a prova exata das personalidades dos espíritos presentes como era impossível que tais coisas fossem conhecidas do médium ou de um outro. Fora de tudo isto, eles me predisseram um acontecimento que só o tempo me permitirá verificar.

- Antes de me despedir, Senhor Vango, disse-lhe eu, tenho uma razão especial para saber se verdadeiramente não me conheceis nem o que quer que seja a meu respeito.

- Não vos conheço de modo algum.

- Não tomastes nenhuma informação sobre a minha pessoa, quem sou e onde resido?

- Nenhuma.

- Até a vista, Senhor Vango.

- Até a vista, meu senhor.

Poder-se-ia supor, pelo que precede, que eu me achava satisfeito com esses fenômenos, mas não era assim. Escrevi a Sir Oliver Lodge, chamando-lhe a atenção para que, em nenhum caso, pude conseguir o nome do espírito. Sir Oliver foi bastante amável ao me responder o seguinte:

Mariemont, Edgbaston

24 de abril de 1917

Prezado Senhor Wynn,

Nunca fiz experiências com o Senhor Vango, mas, como vereis pelo livro *Psychical Investigations*, do Senhor J. Arthur Hill, que acaba de ser publicado, há médiuns muito bons para dar os nomes dos espíritos, ao passo que outros, na maioria, não têm absolutamente tal faculdade.

Encaminharei vosso pedido ao Senhor Hill e vos recomendo a leitura do livro dele.

Atenciosamente

a) Oliver Lodge

Pelo correio seguinte, recebi o verdadeiramente maravilhoso livro do Senhor Hill. O autor não faz nenhum comentário, deixando o livro falar por si. O maior cumprimento que posso fazer ao Senhor Hill é o de dizer que seu livro me convenceu mais do que o de

Sr. Oliver Lodge, de nome Raymond. Ele dá numerosos nomes e os seus casos se produziram em Bradford, à cidade em que me acho atualmente em correção das provas deste livro (Rupert lives), de modo que me são particularmente interessantes.

Refleti muito a respeito de minhas experiências, mas não me achava inteiramente satisfeito no que concernia às causas dos fenômenos, sobretudo depois de ter procurado outros médiuns. Desses últimos não obtive nenhuma prova de faculdade supranormal e mesmo achei uma oposição flagrante com a fé cristã. Um de tais médiuns me declarou mesmo que não aceitava o ensino cristão, que era de opinião de que muitas das crenças, importantes para os povos cristãos, não tinham nenhum valor. Um outro me respondeu, quando lhe perguntei a quem se devia orar, que a Bíblia não era um livro inspirado, que não havia inferno e que a expiação do Cristo era uma fábula. Outra vez dois "guias" se contradisseram a respeito da vida que os espíritos levam no outro mundo, etc, etc., porém devo admitir que tais experiências com médiuns duvidosos eram certamente uma exceção e não uma regra geral. A crença de um médium não anula o valor dos fenômenos psíquicos como o mau caráter de um pastor não pode abalar a verdade da religião cristã.

O que ocupava todos os meus pensamentos eram as experiências verdadeiramente maravilhosas que eu tivera com o Senhor Vango.

CAPÍTULO II

Novas pesquisas

Tenho encontrado, na minha vida, tantas pessoas que se crêem competentes para fazer um juízo sobre casos que nunca examinaram, que dão opiniões dogmáticas sobre assuntos dos quais não conhecem uma única palavra e que geralmente proferem uma sentença sobre um caso simplesmente porque outros o fizeram, que fui levado a ter uma antipatia medonha pelo modo de agir delas.

Eu, ao contrário, recuso-me a dar uma opinião sobre o que quer que seja até que eu conheça os fatos que pessoalmente os tenha estudado. O falecido William T. Stead declarou a três Juizes de Sua Majestade que ele havia perdido toda confiança nas sentenças judiciais. Foi uma afirmativa audaciosa, porém Stead tinha as suas razões para tal. Existem três coisas que governam o mundo: a força, o dinheiro e os preconceitos, de modo que, ao fazer um julgamento não importa sobre qual assunto, os homens, mesmo os melhores, são dominados, sem o saberem, por uma ou outra destas. A justiça, no sentido mais elevado e mais puro da palavra, parece ser impossível a certos homens, em determinadas circunstâncias.

Mantive o meu espírito na expectativa. Nomes de psiquistas de Londres me foram enviados e um deles era o da Srta. Mc Creadie, em Blomfield Road 6, Maida Vale (Londres).

Obtive uma carta de apresentação do Senhor Vango para essa senhora. Antes de lhe apresentar eu a li e verifiquei que não havia nela nenhuma indicação a respeito de minha pessoa. A Srta. Mc Creadie é uma dama escocesa de certa idade, pertencente à igreja presbiteriana. Sua bela residência poderia bem ser chamada de "Palácio do Silêncio". Possui uma pequena capela onde a Srta. Mc Creadie se comunica, como diz ela mesma, com o Salvador e seus amigos, os espíritos. Foi recebido por ela de maneira simples e familiar e obtive sua permissão para lhe fazer certas perguntas antes que ela adormecesse.

- Tendes uma confiança absoluta fenômenos espíritas? perguntei-lhe.

- Sim.

- Possuis algumas dúvidas?

- Sim.

- Por quais razões.?

- Já me disse mil vezes que era estranho que os espíritos não dessem os seus nomes, mas às vezes o dão.

- Quando? perguntei-lhe, interessado.

- Certo dia, respondeu-me ela, um nome me veio no momento da partida de um visitante e, quando lhe

dei conhecimento dele, me declarou que tinha vindo procurar-me justamente para ter notícias de tal espírito. Estranho, não é?

(Não lhe dei nenhuma resposta, porque não achei ali nada de notável. Quando eu e a minha esposa estávamos sentados sozinhos acontecia muitas vezes que ela falava de uma pessoa cujo nome me passava justamente pela cabeça.)

- Não me conheceis realmente, Srta. Mc Credie? perguntei-lhe.

- Não mais que a morte segundo se diz. Examinai a carta do Senhor Vango. Ele me diz simplesmente que sois um dos seus amigos e que vos interessais pelos fenômenos.

- Sim, e, para voltar ao assunto dos nomes, acreditais que os seres desencarnados, que vedes, podem imitar as pessoas que acabam de passar para o Além?

- Sim, tenho pensado muitas vezes nisto. Naquele me tem perturbado e intrigado tanto como a incapacidade deles em fornecer os seus nomes.

- Verdade? Como explicais isto?

- Não o sei dizer-vos.

- É estranho, porque o poder deles, em outras circunstâncias, é notável.

A Srta. Mc Creadie sorriu e não me disse nada.

- No entanto, estais da mesma maneira certa de que são seres humanos, partidos para o Além, que se comunicam?

- Sim, sim.

- Por qual razão?

- Por causa, replicou a Srta. Mc Creadie, de pequenos detalhes, de idiossincrasias, que seriam impossíveis imitar, mas devo admitir que me sinto pasmada pela sua incapacidade de dizer os seus nomes.

- Vossa experiência destes fenômenos é de longa data?

- Sim. Ocupo-me deles há longos anos.

- E sempre estranhou esta falta de nomes, a ainda que aceitais, por outras razões, volta dos espíritos?

- Vós o adivinhastes.

- Acreditais que estamos rodeados de bons e maus espíritos?

- Estou certa disto.

- O espírito, que vos é visível, é de uma realidade objetiva, do tamanho natural?

- Sim.

- Não será um quadro refletido sobre a vossa visão interior?

- Não.

- Podem os espíritos mudar de idade, passar vivamente da infância à velhice, por exemplo, para

que possais compreender o que eles desejam transmitir-vos?

- Sim.

- Traduzis verbalmente certos sinais e símbolos que vedes?

- Perfeitamente.

- Quando um prenome vos vem é uma conjectura de vossa parte ou um som que acreditais ouvir?

- É um som.

- Mas muitas vezes não vos enganais?

- Sim.

- Sois muito amável, Srta. Mc Creadie, em responder francamente a todas as minhas perguntas. Podeis agora produzir alguns fenômenos para mim?

- Esta sala está cheia de força psíquica e de amigos espirituais disse ela, mas é preciso que eu seja franca convosco, pois nunca estou em boa forma para sessões de provas. Se não soubesse que buscais provas, eu vos teria repetido o que os meus amigos espirituais me dizem a respeito de vossa pessoa.

(Havia tomado minhas precauções ao me vestir. Parecia ser tomado por um profissional de esportes aposentado, um leiloeiro, um agente de locação ou um agente de câmbio. Tinha comprado um chapéu de Panamá Selridge em casa americana de Londres e, de acordo com os ditos de meus amigos, ele me ficava às maravilhas.)

A Srta. Mc Creadie me perguntou de repente:

- Possuis o dom de fazer discursos em público?
 - Diz a minha esposa que sou às vezes capaz de fazer algumas preleções.

- Não, não é isto que eu quero dizer. A impressão que recebo é a de que sois orador.

- Um leiloeiro talvez. É isto o que quereis dizer?

- Não, não é isto. Sois um orador; sabeis discutir; sois um escritor; um pregador, eu o sei, eu o sinto! Alguém me diz que a vossa influência só esta começando. Quem sois vós?

Falando de uma maneira metafórica, eu disse:

- Arranjo casamentos.

A Srta. Mc Creadie riu gostosamente e acrescentou:

- Não, não. Sejamos sérios. Parece haver uma influência notável. Não tendes necessidade de notas. Começais a falar e as frases se seguem, seguem...

- Ah! agora falais como a minha esposa. É que me assemelho de certo modo ao que descreveis.

- Não é verdade, pois os meus amigos espirituais não se enganam. Transmito-vos as impressões tais quais as recebo. Vosso futuro é cheio de possibilidades.

- Onde? perguntei. Já há algum tempo que fiz um pedido ao Presidente da Comissão dos Asilos de Amersham para ter um quarto.

- Vós me fazeis rir. Nunca conhecestes o Senhor Gladstone? Ele não vos dirigiu uma carta há tempos?

Está agora ao vosso lado e se mostra muito interessado. Ele vos conhece.

(Era verdade. Em 22 de junho de 1595 recebi longa carta do então Primeiro Ministro Senhor W. E. Gladstone.)

- Tem ele algo a me comunicar?

- Sim, diz para continuardes em vossa obra, na qual sereis ajudado. Diz também que já estivestes perto dele em uma ou duas ocasiões.

(Há trinta anos estive sentado perto do Senhor Gladstone quando ele visitou o Instituto Congregacional em Forest Road, Nottingham, e também na Abadia de Westminster. Em uma outra vez o reencontrei na saída da estação de Westminster).

- Ha espíritos em torno de vós, continuou a Srta. Mc Creadie, que desejam falar convosco.

Repentinamente a médium pareceu mudar-se em qualquer outra pessoa e eu comecei a experimentar uma sensação que até o momento não conhecera, sensação que não desejo sentir de novo. Digo-o com toda a sinceridade e o digo tendo uma certeza de convicção: era como se a Srta. Mc Creadie tivesse tomado a aparência de minha própria mãe. A cabeça inclinada, a tosse, a mão estendida para mim, tudo representava minha mãe na perfeição, e ela me disse:

- Meu filho! Meu filho! Desejo ser sempre uma mãe para você.

Foi tão rápido que não tive tempo menos a nenhuma emoção. Achava-me calmo. A visão durou bem pouco tempo e logo depois desapareceu. Mas, em seguida, uma influência estranha pareceu apoderar-se de mim: era como se eu fosse dormir. Fiz um sobressalto, mas era forte à vontade de dormir. Debatime contra essa influência virando-me para a direita e para a esquerda em minha cadeira. De repente a Srta. Mc Creadie abriu os olhos.

- Que aconteceu? perguntou ela. O "guia" me disse que o poder que tenho passou para vós. Sois médium também. Meus pés estão como dois pedaços de gelo.

- Tive uma má digestão, creio eu. Almocei no Restaurante Slater.

- Absolutamente não foi isto. Por que resististes? Em suma, sois um médium bem notável. Nunca se deram convosco fenômenos interessantes?

- Sim, respondi com ironia. Certa noite sonhei que tinha uma moeda em uma das mãos, mas, quando acordei, não havia nada.

- Sois bem brincalhão, porém utilizais a vossa alegria para ocultardes os pensamentos mais sérios que passam pela vossa cabeça.

(Não havia meios de enganar a Srta. Mc Creadie, que continuou...).

- Sois um sensitivo; é o que vos digo. Vosso melhor trabalho é feito sob inspiração direta. Há o

espírito de um homem ao vosso lado. Ouço o nome de "Bob".

- Bem, então pedi-lhe para dizer o meu nome.

Longa pausa sucedeu.

- Ouço uma palavra com Pasture, disse a Srta. Mc Creadie, porém esta palavra não faz sentido.

- Talvez queira dizer Pastor.

- Não, ele insiste em Pasture.

(Fiz grande esforço para não rir. O único Bob que conheci foi em Earby, condado de Yorkshire, onde fui pastor durante 12 anos. Todo o mundo o chamava de Bob. Ele não conseguiu nunca pronunciar a palavra Pastor e me chamava sempre de Pasture. Fomos sempre grandes amigos e recordo-me bem do dia em que lhe perguntei por que insistia em me transformar em pasto (pasture).

Depois houve descrições de outros espíritos presentes, mas não reconheci nenhum deles e, embora a Srta. Mc Creadie lhes tivesse pedido que dessem os seus nomes, não responderam. A sessão terminou dando-me a impressão de que eu tratara com uma mulher notável, mas que as suas faculdades mediúnicas se enfraqueciam quando se queria levar muito longe as experiências.

Penso que todo poder psíquico verdadeiro é variável - luz e sombra se sucedem - mas o investigador sem preconceitos deve ser indulgente. A força psíquica não é um milagre para nós. Sabemos

ainda tão pouco. Todavia, no fim desta sessão, estava mais convencido do que nunca que a impossibilidade de dar sempre nomes indica profundezas insuspeitáveis da vida espiritual.

Em uma carta que Sir Oliver Lodge me escreveu há pouco tempo, disse-me ele que faz pesquisas atualmente em torno de certos detalhes relativos aos fenômenos. O ponto inexplicável é ainda a dificuldade que tem certos espíritos, que se comunicam, em fornecer os nomes que usavam cá na Terra. Antes que a comunicação com os espíritos estejam claramente estabelecida, toda suposição não é senão uma hipótese.

CAPÍTULO III

Continuação das sessões nas casas do Senhor Vango e da Srta. Mc Creadie

O Senhor Vango leu um relato das sessões, de tratei nos capítulos anteriores, publicado no Young Man & Worman e me dirigiu a seguinte carta:

Talbot Road 56
Richmond Road
Londres W. 2
27 de junho de 1917

Caro Senhor:

Acabo de ler vosso artigo publicado no número do mês de junho e que me interessou muito, pois, antes de tomar conhecimento dele, eu não sabia, de modo algum, o que obtivestes de comunicações, adormecido. Posso apenas dizer que a narração atinente à clarividência é inteiramente exata.

Desejo acrescentar que, segundo a minha opinião, reencontrastes com seres humanos desencarnados, isto é, com diáconos da Igreja Batista de Broadway, Chesham; com os de vossa igreja atual; com a vossa irmã e o vosso filho e outros, todos partidos para o Além. Não conheço Chesham. Nada sabia sobre a vossa pessoa, antes de ler o artigo. É com grande prazer que vos conheço agora.

Agradeço-vos em nome da causa da verdade e do progresso.

ass.) J.J. Vango

Sou forçado a confessar, por honestidade, que as pesquisas empreendidas por mim, até aqui, me tinham levado a crer que as comunicações vinham de seres que havíamos conhecido cá em baixo, ainda que alguns deles não conseguissem sempre dar os seus nomes. De outra maneira não posso explicar, de modo racional, os fatos que vou descrever agora.

Como o Senhor Vango ficou sabendo de minha pessoa pelo jornal, pensei que agora era tempo perdido fazer-lhe visitas para obter provas, porque havia chegado, por várias razões, a concluir que é pouco prudente contar seus assuntos a um médium, mas uma outra idéia me veio: Seria interessante e valioso fazer ainda uma visita ao Senhor Vango para ver o que diria a respeito de Rupert, pois, se este aparecesse, seria fácil saber se a informação dada era uma coisa conhecida só de Rupert. Depois, se Rupert se manifestasse durante o transe do Senhor Vango, teria uma prova da autenticidade desse estado dele, pois, certamente, em seu estado normal, o Senhor Vango seria bastante inteligente para guardar silêncio sobre Rupert, certo de que já tinha muitas informações. Tendo assim raciocinado, pus-me a caminho para ter com o Senhor Vango uma última sessão que teria por

efeito "abrir-me os olhos", como diria um homem do povo.

- Bom dia, Senhor Vango, disse-lhe eu. Minhas visitas a vossa casa tornaram-se agora sem valor, quaisquer que sejam as provas que poderíeis obter, pois todo o mundo diria que já me conheceis.

Ele me respondeu com um sorriso:

- Este mundo me diverte com os seus juízos gratuitos. O caso de vos conhecer e ao vosso filho não alterará nada, nada. O que eu receber vos farei saber. Não tenho conhecimento dele.

- Portanto, tenho várias razões, Senhor Vango, para vos pedir que me concedais ainda uma sessão.

- Mas certamente, caso a desejais.

Detenho-me para dizer que, ainda que os poderes do Senhor Vango sejam muito variáveis, confirmo a opinião do falecido William T. Stead sobre a sua honestidade. Ela está acima de qualquer suspeita.

Foram precisas quase dez minutos ao Senhor Vango para passar sob a influência do "guia". Fez várias contorções de corpo, penosas de ver, mas inteiramente normais se supomos que um espírito desencarnado veio ocupar esse corpo.

De repente, ouço estas palavras pronunciadas em um inglês mal falado:

- Como passais, Senhor Editor? Agora vos conheço.

- Não me conhecíeis antes? perguntei-lhe vivamente.

- Não. Como poderia conhecer-vos? Mas agora eu sei. Escutei tudo o que dissestes e li o vosso artigo. Estou bem contente que tenhais vindo porque o vosso filha está aqui com os seus amigos e deseja dar-vos uma prova de que é bem ele.

- Conhecei-o?

- Certamente. Já somos grandes amigos e ele me disse que vos dará provas absolutas de sua identidade.

- É justamente o que desejo, mas é preciso que sejam provas tais que não podeis imaginar.

- Ele sorri, fala o "guia", e me diz que será conforme a vossa vontade, mas não sei o que quer dizer com isto. Não posso senão descrever o que me mostra. Para começar: Vejo um pacote que contém seus bens que foram remetidos... da França e de lá da França? Não importa, o importante é que tenhais recebido o pacote. Conta-me que ficastes muito contrariado porque incluíram um relógio que não era o seu. O relógio, que recebestes, foi colocado ali por engano, mas deseja que o guardeis da mesma maneira.

- Quem lhe deu o relógio extraviado?

- Ele vos aponta com o dedo.

- Onde foi comprado esse relógio?

- Ele me indica uma grande loja de Londres.

- Que espécie de relógio era ele?

- Relógio de pulso.

- Sabe ele quem possui atualmente o relógio perdido?

- Não, não sabe. Diz que isto não tem nenhuma importância e vos pede para guardar o que recebestes.

(Antes de sua partida para frente de batalha, eu havia comprado para meu filho, na Casa Selfridge, um relógio de pulso. Ele podia ver as horas durante a noite, porque tinha mostrador luminoso. Quando o pacote, contendo os seus bens, nos chegou por intermédio do Ministério da Guerra, nós o abrimos e, com grande pesar, verificamos que nos haviam remetido um outro relógio. Isto bastante me entristeceu. Fui a Casa Selfridge em busca de detalhes sobre o adquirido por mim, mas não achei traços do que havia comprado para meu filho.)

- Em que lugar o espírito que se comunica passou para o Além?

(O leitor observará que a resposta a esta última pergunta prova que não foram tomadas informações a respeito de Rupert.)

- Não creio que tenha sido na França, porque me faz compreender que o tempo estava muito bonito e quente - havia muito sol e nada de geada.

(Tudo isto é notável. Em sua última carta de Boulogne, escrita dois dias apenas antes de sua morte, lêem-se estas palavras: "A geada já passou. Faz um verdadeiro tempo de verão".)

- Ele deseja saber se estais agora convencido de que é bem vosso filho quem vos fala.

- Muito bem; há outras provas para me dar?

- Sim; ele me mostra um caminho em declive. Oh! ele o desce a toda velocidade numa bicicleta; perde o controle da máquina, tomba à beira da estrada, é levado para casa - setembro - sim, eu direi setembro - 9 horas da noite - teve uma comoção cerebral. Restabelece-se. Tem medo de andar de bicicleta.

- Perguntai-lhe em que época tudo isto aconteceu.

- Há coisa de 11 a 12 anos. Era ainda pequeno como o vejo na máquina - talvez 8 ou 9 anos. Pergunta-me se estais agora satisfeito.

(Quando tinha 9 anos. Rupert escapou de morrer descendo de bicicleta a colina de Nashleigh, Chesham, e tudo se passou como acima descrito. Fiquei espantado com a exatidão dos detalhes do caso.)

- Há outras provas?

- Sim; ele me diz que não abraçou a mesma profissão que vós. Mostra-me um lugar que se assemelha a um banco, com portas que se fecham sozinhas, uma grande entrada, livros, mas não é um banco na minha opinião. Também não é um escritório de procurador judicial. Todavia é coisa de lei pelo menos os livros são livros jurídicos. O edifício está ao lado de um outro bem maior. Faz-me compreender que era bem lá que estava empregado. Ele sorri. Sabe agora que compreendestes.

(Rupert trabalhava na Butterworth & Co. Ltda., editores de livros jurídicos, na Bell Yard. W. C, ao lado do Palácio da Justiça.)

- Podeis descrever-me este espírito? perguntei.

- E acima da estatura mediana e parece ter 22 ou 23 anos. Tem uma barbinha. Sua tez é morena. Pede-me fazer notar que tinha sempre grande pena em cortar o cabelo. Tem uma bela cabeça. Ele ri. De que ri assim?

(Cada detalhe é exato, sobretudo o último, que me convenceu completamente. Em certa ocasião, recebi, em minha casa de Chesham, a Dr. Clifford que tomou entre as mãos a cabeça de Rupert e disse: "Tens uma bela cabeça, meu rapaz!" Rupert ria sempre quando eu lhe recordava está pequena passagem.)

- Dizei-me mais alguma coisa.

Ele fala bem. Parece fazer um discurso e ri ainda.

(Espantoso! Mais do que espantoso! Pus-me também a rir gostosamente. O único discurso feito em sua vida, por meu filho, foi pronunciada numa festa de igreja, a Igreja Livre Unida de Chesham. A sala estava repleta de gente. Tinha meu lugar justamente diante da tribuna. Com grande espanto meu, ouvi que chamavam Rupert para fazer o discurso. Tremi por ele. Tremi inutilmente. O discurso fora muito bem preparado para lhe permitir representar as idiosincrasias e muitas fraquezas de que deu provas muitas vezes seu pai na tribuna. Os ouvintes riram gostosamente. Foi uma obra-prima de imitação. Ninguém se divertiu mais do

que eu. Oxalá a fonte de pura jovialidade e alegria permaneça em seu jovem coração por toda a eternidade. O Universo não ficará menos empobrecido.)

Continuei com as perguntas:

- Perguntai-lhe, por favor, quantas moram em nossa casa.

Ele respondeu imediatamente:

- Três.

- Quem são elas?

- Sua mãe, sua irmã e um senhor?

- É-me difícil dizer. É um parente de sua irmã?

Vejo um grande órgão. Que quer ele dizer isto?

(Tudo é exato. O Senhor Harry Bates é o marido de minha filha única e ambos residem conosco no momento. O Senhor Bates é o organista da Igreja Livre Unida de Chesham.)

- Ele sofreu muito ao deixar a Terra?

- Não, a morte foi bem súbita.

- É feliz?

- Sim e as vossas visitas lhe causam grande prazer.

Entrega-me flores para os de vossa casa e envia abraços e beijos para todos.

O que precede é um relato exato e fiel dessa sessão. Não lhe acrescento nenhum comentário. Deixo que os fatos falem aos leitores.

Quando o Senhor Vango voltou ao seu estado normal, disse-lhe:

- Senhor Vango, tendes uma idéia do que acabastes de falar?

- A menor. Recebestes coisas satisfatórias?

Li para ele o relato e contei os fatos. Disse simplesmente:

- E verdadeiramente notável. Não entendo nada. Nunca conheci vosso filho, nem Chesham, nem nada do que a narrais e nunca ouvi falar de tudo isto salvo por vós mesmo.

Saí da casa do Senhor Vango bem emocionado. Tinha a impressão certa de que meu filho falara comigo. Se não o confessasse, mentiria. Tomei a resolução de não ter uma falsa vergonha e de dizer a verdade pura. Confessemos esta mesmo que os céus possam cair sobre a nessa cabeça. A verdade e os fatos são de mais importância que as crenças e os dogmas das igrejas. Descreverei as minhas pesquisas passo a passo. Tende paciência, meus amigos.

Decidi-me a fazer ainda uma visita a Srta. Mc Creadie antes que lhe fosse possível conhecer informações a meu respeito. Ali fui. Estou absolutamente certo de que ela não me conhecia, nem tinha sabido nada sobre a minha pessoa, absolutamente nada. Na ocasião desta visita, nenhuma informação aparecera nos jornais a meu respeito. Para mim era ainda um fato inexplicável que Rupert não tivesse podido dar seu nome por intermédio do médium. Falei

com a Srta Mc Creadie sobre esta questão e ela observou fortuitamente:

"Creio que os que partiram para o Além se utilizam muitas vezes de outros espíritos para dar seus recados e nos fazer conhecer seus pensamentos. Então, se eles não pensam em seus nomes, os "guias" não pode dar a conhecê-los."

Li tudo o que precede para a Srta. Mc Creadie e disse-lhe que o iria publicar e ela me aprovou, acrescentando, todavia, que estava convencida de que eram bem seres desencarnados que se comunicavam quais que fossem os meios empregados.

- Tudo isto é maravilhoso, proclamou essa senhora. Eu sei que é verdade.

A Srta. Mc Creadie passou então ao estado de transe. Durante uma boa meia hora assisti a movimentos físicos estranhos, mas nem uma palavra inteligível foi pronunciada. De repente ela saiu desse estado e disse-me:

- Meu "guia" me faz saber que vós me privais de minhas faculdades. Todas as vezes que vindes é a mesma coisa. Na verdade, sois um médium maravilhoso, não desenvolvido, e não o sabeis. Tenho muito pesar disto.

- Eu também. Podem os espíritos se comunicarem de outra maneira?

- Sim, respondeu ela. Há o método do A, B, C, com uma mesinha. Talvez o conseguísseis vós mesmo com

esse meio. Creio que, no momento, é esta a vossa mediunidade.

- Como? perguntei.

- Ensaiai com uma mesa em vossa casa e o vereis.

- Poderia experimentar aqui, em vossa casa?

- Se o quereis, certamente. Provavelmente levará muito tempo até que obtenhais alguma coisa.

- Será que compreendi bem? Os espíritos aqui presentes farão uma mesa mudar de lugar pelo poder psíquico de meu corpo.

- Oh! certamente. Esperai um momento; estão me dizendo que vosso filho está junto de vós. Não o vejo, mas o sinto. Tendes um filho no Além? Não dei nenhuma resposta.

- Dizem-me que sim.

- Posso usar esta mesa? perguntei.

- Sim, a mesa que vos agrada, não importa qual.

Apanhei uma mesinha de salão, aproximei-a de minha cadeira e coloquei as mãos em cima dela. Decorreram dez minutos - nada. Então ouvi ruídos misteriosos, estalidos. Desejaria tanto que o Dr. Mercier estivesse presente. De repente a mesa começou a passear para cá e para lá pelo salão como se fosse um ser humano inteligente. Olhei para cima, para baixo, ao redor. Haveria ali algum mecanismo? Não. Seria truque? Não.

- Pedi a vosso filho que dê três batidas com o pé da mesa, se estiver mesmo de vosso lado.

Foi o que fiz. A mesa curvou-se rapidamente três vezes e deu três batidas bem nítidas.

- Pedi-lhe para soletrar o seu próprio nome, dando três batidas em cada letra dele.

- Como soubestes que tenho um filho morto?

- Não o sei. Não conheço o nome dele, nem o vosso. Repito-vos simplesmente o que os meus amigos espirituais me dizem no momento.

Então perguntei:

- Meu filho, se você está presente, solete seu nome, sim?

Ouvimos imediatamente três fortes pancadas.

Comecei então a recitar, em alta voz, o alfabeto: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r (três batidas).

- A primeira letra é R, disse a Srta. Mc Creadie.

Recomecei e, para não alongar muito a narração, deva dizer que a mesinha soletrou, sem errar, o nome inteiro: Rupert Wynn.

- Mas, meu filho, você tinha um segundo prenome. Quer ditá-lo?

Outras três pancadas.

- É?

Comecei a recitar novamente o alfabeto e as letras indicadas formaram o nome Cliffrd.

Faltava o "o". Eu havia saltado deliberadamente esta letra para ver o que aconteceria. Pararam as batidas. O nome inteiro de meu filho é Clifford Rupert Wynn.

Claramente senti então que meu filho estava perto de mim. Eu lhe fiz então perguntas as mais delicadas e mais íntimas sobre assuntos referentes à nossa família, Chesham e minha igreja. A mesa respondeu a cada pergunta tão inteligentemente quão uma pessoa humana o poderia fazer. Digo a verdade diante de Deus. Não minto.

- Bem, disse a Srta. Mc Creadie, acabastes de fazer muitas perguntas das quais não compreendo uma única palavra. Talvez pensais que sou eu quem faz tudo isto. Garanto-vos que não. Os espíritos utilizam minha força psíquica provavelmente, mas vós também possuis este poder. Obtivestes um nome que conheceis? Rupert Wynn é o vosso filho?

- Sim, é meu filho. Ele morreu na França a 16 de fevereiro último.

- Extraordinário! Como é maravilhoso o Universo! exclamou a Srta. Mc Creadie. Então, voltai para a vossa casa e experimentai com uma mesinha para que o vosso filho possa conversar convosco. Não há muitas pessoas que possuem desenvolvida esta mediunidade, Vós a tendes. Utilizai-a.

CAPÍTULO IV

As pesquisas ficaram cada vez mais interessantes

Em certo sentido, a tarefa que empreendi não é, de modo algum, de meu gosto, pois os fenômenos aos quais assisti se referem, em grande parte, a meu filho e a mim pessoalmente. Queria que fosse de outro modo, mas meu dever é simples, é o de fazer um relato do que acontecesse e isto de uma maneira absolutamente exata, totalmente isenta de preconceitos. Minha obra não foi empreendida para sustentar uma tese teológica sobre fatos, mas para fazer um relato fiel. É o que eu tenho feito até aqui e continuarei a fazer.

Penso que seja por causa de preconceito e de um ceticismo inato que, tendo realizado experiências em minha casa com a mesa, tenha chegado à conclusão de que os movimentos dela poderiam muito bem ter uma causa perfeitamente natural, mas não faço mais objeção a que um ser desencarnado utilize uma mesa para me fazer uma comunicação como eu emprego a pena para escrever palavras que serão lidas por pessoas que nunca me viram. Portanto, parecia-me lógico que algumas pessoas possuíssem uma força psíquica que pudesse ser utilizada por espíritos de um outro plano, mas, apesar de tudo, permanecia cético. Dizia-me assim; Seria que, inconscientemente, empurrava a mesa? Seria o meu eu subjetivo que a

agitaria de uma maneira misteriosa, obedecendo a uma lei desconhecida de mim? Seria que a telepatia e a subconsciência aí desempenhassem certo papel? Não explicaria isto o magnetismo animal? Quando coloco as minhas mãos sobre a mesa e ali as deixo por um tempo, ela fica quente e os estalos que ouço não seriam talvez produtos desse calor? Era assim que eu discutia comigo mesmo e resolvi adotar meios que me permitissem responder a tais perguntas, mas, antes de descrevê-los, devo declarar francamente a meus leitores e sobretudo a Sir Oliver Lodge e ao Senhor Hill, que não há nenhuma prova, ou, como um químico se exprimiria, "nenhum traço" de prova para sustentar estas ebulições de minha imaginação teológica e "científica", Raymond Lodge falou efetivamente com o seu pai. Clifford Rupert Wynn também falou com o seu. É uma verdade e eu peço ao Dr. Mercier para me conceder uma oportunidade de lhe prová-la. (3)

(3) - O Dr. Mercier é um dos médicos mais conhecidos de Londres e um ferrenho adversário do Espiritismo. (N. T.)

Para obter resultados é preciso ter mediunidade. Quando a Srta. Mc Creadie me disse que eu era um psíquico e tinha essa faculdade, não dei uma séria atenção à sua afirmativa, mas, quando ela acrescentou que o melhor de meu trabalho vinha da inspiração, despertou em mim uma boa quantidade de reflexões. Os sermões, que proferi e que tiveram maior sucesso, não foram certamente os já preparados por mim, mas,

bem ao contrário, os que nunca escrevi. Vou (pela primeira vez) revelar um segredo: Mais de uma vez subi ao púlpito levando um sermão pronto e, no instante mesmo em que me levantava para proferi-lo, um versículo da Bíblia me vinha subitamente à memória. Eu compreendia que era esse versículo que devia tomar como assunto de minha prédica. Obedecia ao impulso e deixava correr a inspiração. Oh! se eu ainda tivesse esses sermões que não vinham de mim! Pareciam subir como uma maré em meu espírito, uma maré de um mar sem limites. O efeito sobre o auditório foi sempre grande, sem igual, intenso, envolvente. Terminada a prédica, não me recordava de uma só palavra dela, mesmo de um simples pensamento, e fisicamente eu estava sempre extenuado. Recordei-me de tudo isto quando a Srta. Mc Creadie deu sua opinião e sou levado a concluir que possuía esse poder psíquico, que não se achava ainda desenvolvido. Tentei experiências com seis de meus amigos. A mesa permaneceu sempre parada e muda sob as mãos deles ao passo que, logo que ali colocava as minhas, levemente como se poussa uma pena, sentia como que uma batida do coração e a mesa começava a fazer ruídos os mais estranhos. É preciso tempo, é preciso esperar até que se mova. Para começar, são talvez cinco centímetros que ela se desloca, em seguida trinta, depois um metro, depois no meio do aposento em todos os sentidos.

Minha primeira experiência com ela me deixara estupefato. Hoje bem sei qual é a pena que Rupert emprega para me escrever as suas cartas. Creio que algumas pessoas possam sentar-se em torno de uma mesa e nada receber, absolutamente nada, o que faz com que tais pessoas se recusem a acreditar nos resultados obtidos por outros. Essa incredulidade chega muitas vezes a negações tão absurdas como seria uma dúvida levada ao gênio matemático de Lorde Rayleigh por mim profano na ciência dos números. As pessoas que professam uma religião deveriam procurar ter senso comum e cultivar a lógica. Sei que é difícil para elas, mas sempre podem tentar.

É fora de dúvida que a mesa se deslocava sem ser ajudada por mim. Resolvi pôr então os fenômenos à prova para verificar se provinham de causas naturais. Pelos seguintes fatos, ver-se-á que não era o caso.

Comecei por duas experiências.

Primeira experiência

Pedi à Senhora Wynn e ao Senhor Bates para escolherem, em minha ausência, três objetos diversos e ocultá-los em um lugar qualquer de minha biblioteca. Voltei para casa acompanhado de dois amigos formados pela Universidade de Londres, amigos aos quais expliquei de que se tratava. Aproximei-me da mesa, que repousava sobre um tapete ordinário, ao

lado de alva tapeçaria turca muito grossa. Logo depois a mesa começou a se deslocar.

Pedimos ao "guia" para conduzir a mesa em direção aos três objetos ocultos no aposento.

- Qual o primeiro?

- Uma maçã, respondeu-me o Senhor Bates.

Logo a mesa girou sobre si mesma e avançou através do aposento para se deter diante de uma valise colocada no chão, com um pé posto a mais ou menos dez centímetros da extremidade da valise. Virando-me para o Senhor Bates, perguntei lhe:

- A maçã está dentro dela?

- Sim e o pé da mesa se acha exatamente em cima dela.

As testemunhas M. e Sc. arregalaram os olhos, espantados.

- Qual o objeto seguinte?

- Uma porta-moeda.

A mesa pôs-se logo a caminho e eu a segui até um armário, do outro lado da biblioteca. E a ponta da mesa indicou uma gavetinha.

- O porta-moeda está dentro desta gaveta?

- Sim.

O terceiro objeto era uma Bíblia colocada sobre uma secretária do outro lado do tapete turco.

A mesa voltou-se; levantou um pé em cima do tapete e avançou sobre o outro pé, na direção da Bíblia.

- A Bíblia é o objeto? perguntei.

- Sim.

Não foco comentários. Limito-me a narrar os fatos. Virando-me para os Srs B. e Sc., perguntei-lhes:

- Fui eu quem mexeu a mesa?

- Não, responderam. Examinamos tudo.

Segunda experiência

Resolvi tentar uma prova mais severa. Pedi ao Senhor X., negociante de móveis, para vir ver-me. Pedi-lhe para vender os meus olhos, o que fez. Então girei sobre mim mesmo até que eu não soubesse onde estava. Em seguida pedi ao "guia" para dirigir a mesa rumo às prateleiras de minha biblioteca e de fazer de modo que uma das pontas da mesa indicasse um livro levando o título de "Êxodo II", livro escolhido pelas pessoas reunidas, depois que meus olhos foram vendidos. Não tinha idéia alguma do lugar onde se encontrava o livro. Esperei. A mesa se deslocava vivamente. Com os meus dedos em cima eu a seguia, mas sem saber em que direção. A mesa parou e eu tirei a venda. Uma das pontas da mesa estava defronte do livro que levava exatamente o título de "Êxodo II". O Dr. Mercier explicará provavelmente em que instante começaram minhas perturbações patológicas no caso. Eu estava maluco ou era a mesa que estava louca? Só narro os fatos. Não há senão uma explicação, uma só:

um ser invisível havia feito a mesa andar. Todas as outras teorias não se mantêm em pé. Mas quem era este ser? Seria Rupert? Naturalmente que estava desejoso por saber.

- Quem nos fala? perguntei.

A mesa ditou: P A

Esperei pelo resto. Nada.

- É estranho, exclamei. Não compreendo isto.

- Mas, exclamou por sua vez a Senhora Wynn, P A quer dizer Pai! (abreviatura do nome Papai.)

Sorri. Rupert me chamava sempre de Pa. Não gosto destas abreviaturas modernas de Pa e Ma. Gosto dos velhos tratamentos familiares de Papai e Mamãe, nomes que representam para nós toda uma história, o nascimento do mundo, da raça. Nosso Pai!, ao qual devemos tudo. Nossa Mãe!, que recordações este nome faz ressuscitar: nossa infância, nossas lágrimas, nossos consolos! Meu filho sabia de minhas idéias a respeito e era bem ele, quem, para me importunar, dizia que era Pa quem falava.

- Não importa quem seja você, mas seria uma coisa bem grave enganar-me. Não é de minha opinião?

- Sim.

- Quer enganar-me?

- Não.

- É verdadeiramente nosso filho Rupert?

- Sim.

- Acha inconveniente que verifiquemos suas afirmativas? - Não.

- Então segura a mesa (já era noite).

- Sim.

- Bem, quer conduzira mesa e colocar um de seus pés justamente em face de dois livros a respeito dos quais você gostava tanto de me ouvir fazer sermões?

Nenhuma resposta foi dada.

Esperei cinco bons minutos. Depois a mesa se dirigiu rapidamente para a estante e ficou inclinada com um dos pés indicando um certo livro intitulado Revelation e, em seguida, passou livro de nome Daniel.

Acendeu-se um fósforo para se ler os títulos dos livros.

- Maravilhoso! exclamei.

Depois perguntei-lhe:

- Você vem sempre escutar-me a pregar?

- Sim.

- Acompanhado de outros espíritos?

- Sim.

- Estão no momento a seu lado

- Sim.

- Seus avós?

- Não.

- Seu irmão Ruskin?

- Sim.

- Sua irmã Kate?

- Sim.
- O Senhor George Newton?
- Sim.
- Membros da Igreja Batista de Broadway?
- Sim (muito veemente).

Aqui se seguiram recomendações minuciosas a respeito de certos casos referentes à minha igreja de Broadway, casos de modo algum interessantes para outrem. Depois, datas precisas de acontecimentos futuros se referindo às duas igrejas foram dadas e me fizeram compreender que esses espíritos haviam recebido ordem de realizar essas predições, pois isso era parte de seus deveres no outro mundo. Todas essas predições ainda não se realizaram. Só o tempo poderá revelar-nos a verdade.

- Você se encontrou como o Senhor Parker?
- Sim.
- Vocês todas estavam juntas na casa do Senhor Vango e na da Srta. Mc Creadie?
- Sim.
- Você pode ver tudo o que se passa e ouvir tudo o que se diz aqui?
- Não.
- A visão e a audição são limitadas?
- Sim.
- Está a par do que se passa na guerra?
- Sim.

Ainda duas experiências

- Se você é verdadeiramente meu filho, continuei, poderia dizer-me os meigos nomes que havia dado à sua irmã e a Harry?

- Sim.

- Quais são?

- Nance e John (exato)

(Paro para salientar que é absolutamente impossível que nenhuma outra pessoa não ser Rupert, o poderia dizer).

- Pode ver agora que já é noite aposento (Eram 21 horas e 30 minutos).

- Sim.

- Quer então conduzir a mesa até à sua mãe e a levantar na direção de seu rosto, como se a quisesse abraçar?

(O que se seguiu foi à coisa mais notável do mundo que jamais vi. A mesa me deixou repentinamente, foi direta à Senhora Wynn e se levantou na direção do rosto dela.)

- Você tinha o costume de deitar-se neste local. Pode indicar-me onde se achava o seu leito e fazer a mesa andar até a porta pela qual habitualmente saía?

- Sim.

Ele o fez, tal como lhe havia pedido.

Pedi depois que a mesa fosse colocada defronte de diferentes objetos, o que foi feito exatamente.

- Já viu o Cristo?
- Não.
- E espera vê-lo?
- Sim.
- Breve?
- Sim.
- Você tem ido a diferentes esferas?
- Sim.
- Quantas há?
- Sete.
- Mora-se em casas?
- Sim.
- Trabalha-se?
- Sim.
- O mundo, em que você está, é bonito!
- Sim.
- Sente-se feliz?
- Sim.
- Você se encontrou aí com pessoas de Chesham que passaram recentemente para o Além?
- Sim.
- Quais?
- Seguiram-se nomes que eu não conhecia. Verifiquei-os depois: eram todos iguais!

Profecias

- Você se interessa sempre por profecias?

- Sim.
- Sua interpretação histórica é exata?
- Sim.
- Os que estão ao seu redor se interessam também?
- Sim (muito claro).
- O próximo mês será um mês importante (outubro de 1917).

- Sim.

(Meu filho se interessou sempre por minhas predicas baseadas em profecias bíblicas. Ele sempre me ouviu dizer que os Turcos seriam vencidos em outubro de 1917).

- É a morte e a passagem horrível como se pinta?

- Não! (muito claro).

- Quer ditar o nome de uma jovem que você conheceu em Chesham?

O nome foi dado exatamente.

Com esta resposta eu já não tinha mais dúvida alguma a respeito da pessoa que me falava e, em conseqüência, conversei com Rupert sobre casos pessoais e as respostas que obtive não podiam provir senão dele.

- Boa noite, Rupert. Você pode fazer com que a mesa diga: Boa noite, meu pai?

Imediatamente a mesa se movimentou, reproduzindo bem todas as palavras indicadas.

Dir-se-ia que a mesa se tornara um ser humano.

CAPÍTULO V

Prova indiscutível

Acredito na realidade dos fenômenos. Penso que eles provam a existência da vida no outro mundo, mas sou igualmente de opinião de que a maioria dos ensinamentos dados nos grupos espiritualistas são decididamente anticristãos. Muitos espíritas maus e mentirosos se comunicam. Darei as minhas razões para esta opinião. Todas as pesquisas não deveriam ser empreendidas senão por pessoas de espírito equilibrado, desprovidas de tendência mística e não possuírem temperamento nervoso e excitável. Creio que o Cristo e seus ensinamentos bastem para certas pessoas, que a alma pode encontrar uma paz perfeita, um repouso completo, aceitando simplesmente estes ensinamentos e aplicando às necessidades da existência.

Afirmo tudo isto, mas afirmo também que será da mais alta importância, para o mundo inteiro, que a Society for Psychical Research (Sociedade de Pesquisas Psíquicas) continue a sua obra. O Senhor Gladstone era igualmente desta opinião. A Ciência deixa de ser científica logo que deixa de lado os fatos. Sem dúvida, muitos dos fenômenos provêm da subconsciência do médium ou do experimentador, mas há os que não podem ser explicados se não pela

sobrevivência da personalidade humana. São Paulo tinha razão quando dizia que não lutamos só contra a carne e o sangue, mas também contra as "forças prejudiciais da atmosfera". E da mais alta importância que as pessoas jovens escapem a tais poderes. (4)

(4) Por "forças prejudiciais da atmosfera" entendem os espíritas que são os espíritos maus e obsessores do Além, e as chamadas "sessões de doutrinação ou de desobsessão" são realizadas precisamente para lutar contra tais forças que levam muitas pessoas à loucura e à internação em hospícios e casas de saúde. São, aos milhões, os casos de curas de supostos loucos, em associações espíritas bem orientadas que há às centenas em todo o Brasil, como as do Hospital Espírita de Uberaba, Estado de Minas Gerais, e da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, no ex-Estado da Guanabara. (N. T.)

Quero agora justificar estas conclusões, apoiando-me em fatos evidentes e, repito, uma vez mais, que desejo ser estritamente sincero em tudo o que diz respeito aos fenômenos psíquicos.

A Senhora Wynn me acompanhou à casa da Srta. Mc Creadie em Blomfield Road 6, Maida Vale, Londres, N.S., 3º feira, dia 18 de setembro de 1917, às 3 horas da tarde. Enviei a Srta. Mc Creadie os relatos publicados no jornal *The Young Man & Woman*. Minha esposa possui intuição notável dos caracteres humanos. Nunca a vi enganar-se a respeito das pessoas e sobre os móveis dos seus atos. Ela diz: "Não gosto desta pessoa" ou "fazem isto ou aquilo porque" ou ainda: "É preciso que não façais isto ou aquilo". Cheguei a reconhecer que me achava errado em não seguir certas opiniões dela, pois tinha sempre razão. Para fazer conhecer sua opinião sobre a Srta. Mc Creadie, acrescentarei que, terminada a sessão, a

médium e a minha esposa conversavam como duas irmãs. Agora, voltemos à sessão.

- Por favor, Senhora Wynn, queira sentar-vos lá, disse a Srta. Mc Creadie, pois tenho algo vos contar. Há dias uma senhora veio procurar-me. Seu filho acabava de partir para o Além. Expliquei-lhe que lastimava não poder conseguir uma materialização do espírito, mas que ele poderia ditar uma mensagem espiritual. Coloquei então as mãos sobre esta mesa aqui e pedi à visitante para anotar as letras batidas. Eis a comunicação obtida. A Srta. Mc Creadie se levantou da cadeira, abriu uma pequena gaveta e dela tirou um pedaço de papel. Estava escrito nele: Wynn, Rupert, Clifford. Vim para agradecer-vos. Auxiliastes-me mais do que pensais. Deixai que meu pai venha. Obrigado. Dizei à minha mãe para não ter duvidas. Adeus.

(Fui eu quem construiu as frases, porque as letras estavam escritas no papel em maiúsculas, letra por letra.)

- Pensastes em Rupert naquela ocasião, Srta. Mc Creadie? perguntei.

- Não.

- A tal senhora nos conhecia?

- Não.

- Reunistes as letras à medida que eram indicadas?

- Não.

A Senhora Wynn e eu nos olhamos, sem dizer palavra.

- Vejo por detrás de vossos ombros, Senhor Wynn, disse a velha senhora, um homem, grande, rosto cheio, testa alta, quase calvo, com a barba e os cabelos brancos. Ele pronuncia o nome Henry...

(A parte) - Sim, meu amigo, Henry... e o resto?

- Ele aponta para a mesa. Imagino que deseja fazer conhecer seu outro nome por meio dela.

A Srta. Mc Creadie pausou levemente as mãos em cima da mesa. Esperamos mais ou menos cinco minutos. A mesa estremeceu e pôs-se a girar como encantada. Parecia um ser vivo.

- Isto quer dizer que se sente feliz por vos ver. Confirma com a cabeça o que digo. Está contente.

(A parte) - Sim, meu amigo, mas qual o vosso outro nome?

E a mesa ditou: P A R K E R.

- Henry Parker! exclamou a Srta. Mc Creadie. É isto? Obrigada, Senhor Wynn. Conhecestes algum Senhor Henry Parker?

- Sim. Era membro da Comissão, um diácono de minha igreja de Chesham (Igreja Livre Unida).

- É maravilhoso! Ele deseja que faleis com ele.

- Senhor Parker, não sei verdadeiramente o que vos dizer. Espero que estejais feliz.

A mesa estremeceu vivamente como se estivesse alegre e, em seguida, respondeu:

- Sim.

- Estais contente por nos rever?

- Sim (claramente).

- Podeis ver-me e ouvir-me?

- Sim.

- Compreendeis agora muitas coisas em não acreditáveis por ocasião de vossa última doença?

- Sim (nitidamente).

Então a Srta. Mc Creadie disse:

- Ele demonstra uma grande emoção olhar, como se desejasse alguma coisa.

- Vistes Rupert?

- Sim.

Houve uma pausa, depois do que a Srta. Mc Creadie disse:

- Não vejo Rupert, mas sinto que está aqui. Creio que ele coloca sua mão sobre a minha.. Quem sois vós, meu amigo?

- Rupert.

- Quereis ter a amabilidade de saudar, pela mesinha, as pessoas presentes.

A mesinha caminhou em direção à Senhora Wynn e não somente a saudou, mas rodeou a sua cadeira, tocando-a de todos os lados, de uma forma afetuosa. Depois, aproximou-se de mim.

- Onde estais morando?

Nenhuma resposta.

- Longe daqui?

- Não.

- Numa casa?

- Sim (hesitante).

- Quereis dizer, não é, Rupert, observou a Srta. Mc Creadie, que o vosso antigo lar continua a ser o vosso lar espiritual?

- Sim (claramente).

- Qual a primeira pessoa que vistes chegando ao outro lado?

- George Newton.

Seguiram-se algumas comunicações para os parentes e depois a sessão terminou. A força pareceu cessar subitamente.

A Senhora Wynn, que antes fora sempre muito cética a respeito dessas comunicações, voltou para casa inteiramente convencida da vida no Além.

Na semana seguinte fui a Bradford e a Earby para ali pregar e fazer sermões aos ouvintes batistas de outrora. Desci no Midland Hotel, Bradford, para passar a noite. Quando quis pagar a nota das despesas, a caixa me disse. "Vossa conta já foi paga, meu senhor, por dois amigos." Dei uma risada e expliquei que já havia vivido 52 anos e que era de fato a primeira vez que aparecera alguém para pagar o hotel para mim. A caixa, rindo, recusou absolutamente fornecer os nomes dos meus amigos, em vista do que lhe pedi para lhes transmitir os meus agradecimentos. Desci na casa do Senhor Thomas Henry Hartley, em Lightcliffe, diácono de minha igreja de Earby, um dos homens mais encantadores que existem, pensando ter

adivinhado nele meu benfeitor, mas me veio à idéia de que se eu escrevesse ao Senhor e à Senhora Hartley para lhes agradecer, e se não fossem eles os pagantes, poderiam ver no meu ato uma espécie de ironia, de que certamente não sou capaz. Então, quando voltei para casa, dirigi-me para a mesa, que ficou muda durante uma boa meia hora. De repente ela começou a passear passar ao redor do aposento inteiro e Rupert ditou o seu nome.

- Rupert, você nos acompanhou a Sandy Lane e a Earby?

- Sim.

- Regressastes ao mesmo tempo que nós, hoje?

- Sim.

- Quem pagou a minha conta de despesas no Midland Hotel? Você o sabe?

- Sim, foi Clifford Snowden.

Escrevi ao Senhor Clifford Snowden, de Sandy Lane, e lhe agradei assim como à sua esposa, explicando-lhe como cheguei a saber o nome do autor da amabilidade. O Senhor Snowden me respondeu que foram ele e o seu pai, com efeito, quem pagaram a minha conta no hotel.

Chego agora a manifestações que não são talvez tão evidentes como as anteriores, mas que têm um lugar muito importante nas minhas investigações.

Não farei mais do que um resumo, mas um resumo suficiente para demonstrar que as investigações devem

ser reservadas às pessoas experimentadas. Tomei parte em várias sessões, mas não fiz nenhuma narração delas. Quero somente citar os três seguintes casos:

Primeiro caso

A Srta. Mc Creadie está aborrecida. De repente seu rosto toma uma expressão terrível e triste.

Ouçõ gemidos de uma alma em pena. Ela exclama "Oh! onde poderei encontrar a paz?" Nenhuma atriz do mundo teria podido reproduzir o que vi e ouvi. Não tenho facilmente medo, mas durante alguns minutos fiquei assustado. Não darei outros detalhes do caso. Quando a Srta. Mc Creadie voltou a si achou-se presa de uma grande tristeza. Parece-me, disse ela, que fui visitada por um espírito bem infeliz. Pobre alma! Quanto gostaria eu de ajudá-la! - Nenhum comentário.

Segundo caso

Tinha-se projetado uma sessão à que dois moços deveriam assistir. Fui igualmente convidado e a mim deram os nomes dos que a comporiam. Aceitei porque gostaria de ver o efeito produzido sobre as almas jovens. Ambos receberam comunicações que os emocionaram. Voltei para a minha casa, perguntando-me se Sir Arthur Conan Doyle tinha verdadeiramente razão ao dizer que nos encontrávamos no limiar da

Nova Revelação. No dia seguinte da sessão, certo telegrama foi expedido para o escritório de The Young Man & Woman, Tallis Street 31, Londres, E. C. , pedindo-me para ir imediatamente a um endereço do quarteirão oeste de Londres. Tomei um táxi e parti para o endereço indicado, onde encontrei um dos jovens em delírio. Não dormira durante a noite. Mirei-o bastante e logo compreendi de que se tratava.

- Sabe, disse-lhe eu, severa e friamente, que o diabo está querendo zombar de você?

O moço me olhou fixamente, parecendo sair de um sonho. Almocei com ele e, ao deixar a mesa, tomou as minhas mãos entre as suas, dizendo-me "Vós me salvastes a vida; tudo isto me tornava louco." - Sem comentários.

Terceiro caso

Numa outra sessão, um espírito se comunicou dizendo que passara para o Além em Calgary, Canadá, e forneceu seu nome e o endereço de uma antiga moradia em Bradford, Yorkshire. Fizemos uma investigação e verificamos que o dito homem partira efetivamente para Calgary. Mais tarde, a data e a hora exata de sua morte nos foram comunicadas. Ele me pediu para escrever a um certo Senhor John Pickles, West Street 24, Manchester, para lhe fazer certa comunicação e publicar uma nota de sua morte em três

jornais de Bradford. Tudo era bem claro e inteiramente fora dos meus conhecimentos, mas, durante o tempo em que o espírito se comunicara, tive a impressão nítida da presença de um espírito mau. O ambiente parecia bem outro que o habitual. Escrevi, apesar de tudo, ao Senhor Pickles e lhe pedi que me desse o endereço atual, se o conhecesse, do Senhor X., que residira outrora em Bradford. Dita carta me foi devolvida com a anotação "Endereço incompleto". Tal não me surpreendeu de modo algum. Tinha plena consciência de que, embora fosse uma entidade espiritual que se comunicara, esse espírito era mentiroso, da mesma família que o demônio. Tenho pena dos homens que, inocente ou inconscientemente, cometem faltas, mas os que, intencionalmente proferem uma mentira, são objeto de minha aversão. Uma mentira, dir-se-á, é uma coisa sem importância, mas não tempo a perder com ninharias. Deus é testemunha disto. Todavia, por causa de minhas pesquisas, resolvi dar uma oportunidade a esse mentiroso e o evoquei em uma sessão na residência de Srta. Mc Creadie. Foi uma maravilha.

Disse a Srta. Mc Creadie:

- Acha-se presente um espírito desconhecido. Percebo que se sente confuso. Ele quer dizer algo.

- Bem, disse eu, que fale.

Ele se recusou a dar o seu nome, mas esclareceu que havia nascido em Bradford há 51 anos passados,

que tinha crescido ao lado de um homem que dera como falecido e me falou que dissera uma porção de mentiras e seu respeito e a respeito do Senhor Pickles e, finalmente, me suplicou que o perdoasse.

- Mas por que mentistes tanto? perguntou a Srta. Mc Creadie.

E veio a resposta:

- Divertir-me. Lamento.

- Conheceis o Senhor Wynn?

- Não.

- Agora podeis partir. Deixai esta casa imediatamente e cá não volteis nunca, pelo menos enquanto não estiverdes disposto a acabar com as vossas mentiras.

- Sim. Lamento (resposta lenta).

Logo a mesa ficou imóvel, tão imóvel quão os leões de Trafalgar Square.

- Admito, Senhor Wynn, observou a Srta. Mc Creadie, que tais coisas sejam possíveis e que nos comuniquemos com espíritos maus como, quando na Terra, estamos em relação com pessoas más. Mas estou certa, certíssima também de que o vosso filho esteve aqui. Eu o vi. Queria falar convosco.

CAPÍTULO VI

Tão claro como em fotografia

Já tinha uma confiança absoluta no Senhor Vango e, presentemente, depois de dois anos de conhecimento íntimo, esta confiança não diminuía. Fiz várias sessões com ele. Cético, eu o tinha fiscalizado de modo preciso. Não tenho dúvida alguma quanto à sua honestidade. Em suma, a sessão realizada em casa dele, na 4 feira, dia 24 de outubro de 1917, às 4 horas da tarde, e que irei narrar, demonstra que não tenha ele podido tomar informações a meu respeito, nem a respeito de minha família, e esta sessão prova que a telepatia não poderia verificar-se no caso, porque, como se verá a seguir, eu soube algo de que não tinha conhecimento e que era inteiramente exato.

Comecei a sessão conversando com o Senhor Vango e fazendo-lhe diversas perguntas: - Como fazeis para vos adormecer? Que entendeis por estas palavras "vos adormecer"? Que experimentais? Não tendes consciência do que dizeis quando adormecido?

- Nunca ouvistes dizer, respondeu-me ele, que uma pessoa, que fala em voz alta durante o seu sono, afirma, quando acorda, que não sabia uma única palavra do que se dizia que ele proferiu? Tal e o meu caso. Uma vez desperto, tenho tanto interesse em saber

o que eu disse quanto vos em ouvir as minhas comunicações. Penso que supondes que sou eu quem fala durante todo o tempo.

- Sim, respondi-lhe francamente.

- Mas não sou eu, protestou. Não sei uma palavra do que acabo de comunicar-vos.

- É uma coisa muito séria que afirmais Senhor Vango. Acho que um médium, que se utilizasse fatos conhecidos dele e relativos a pessoas mortas para enganar os seus parentes, mereceria bem o fogo do inferno (5).

(5) - Fogo do inferno, demônio e diabo são ditos de uso comum, mesmo em boca de ateu, sem maior significado espiritual. (N. T.)

Eu falava muito seriamente.

- Sou de vossa opinião replicou, sorrindo docemente. Não creio que exista para o caso um inferno bem terrível. Mas, Senhor Wynn, por que pensais que passa enganar-vos? Não aceito nada em pagamento. Não vos peço nem a ninguém para vir procurar-me. Certas vezes gostaria mesmo que não viesse ninguém. As autoridades nos perseguem, o que é injusto e ridículo. O Senhor me dotou de certos dons e sou perseguido porque os utilizo a bem do próximo. Não é revoltante?

- Com efeito, não é justo, mas não sois o único a sofrer grandes injustiças e falsas acusações, pesadas calúnias e, graças a Deus, os perseguidos têm saído das provas engrandecidos e triunfantes. Senhor Vango, continuei, não vos dirijo estas palavras porque seja

velhaco, mas simplesmente porque desejo aprofundar as coisas.

- Compreendo-vos muito bem. Possuis um espírito vivo e encantador, mas vos repito: Não sei o que ides ouvir na ocasião, da mesma forma que não o saberia um homem que morasse na lua.

Não insisti mais. O Senhor Vango fechou os olhos, passou as mãos pelos cabelos, sentou-se mais confortavelmente em sua poltrona e, em cinco minutos, parecia completamente outro, pois a sua voz e as suas maneiras mudaram completamente. Compreendi que o "guia" havia se incorporado nele. O que se segue é exatamente o que esse "guia" me comunicou. Escrevi-o ipsissima verba, com a maior atenção.

- Bom dia, disse ele. Estou muito contente por terdes vindo procurar-me. Pedem-me para vos dizer que vossa mãe, vossa irmã Emma, vosso irmão John, vossa irmã Kate e uma outra irmãzinha estão aqui presentes.

(Peço ao leitor notar como era impossível ao Senhor Vango me dizer tudo isto. O efeito sobre mim foi grande, porém não o deixei transparecer.)

- Obrigado, disse simplesmente. Podereis descrever-me estas pessoas?

- Certamente. Vossa mãe (pelo menos ela me diz que é vossa mãe) demonstra ter uns 70 anos; e esbelta, de tez morena, rosto fino com traços de rugas, olhos

fundos, nariz reto, boca pequena. As maçãs do rosto são salientes. Altura média. Cabelos repartidos no meio da testa. Esteve fraca durante muito tempo antes de acamar-se definitivamente. Agora se curva e põe um xale sobre os ombros. Tem um olhar penetrante, vivo, mas sofria muito dos olhos já para o fim de sua vida. Em suma, creio que tenha ficado cega. Diz que não vos acháveis ao lado dela no momento de sua morte. Enxerga muito bem atualmente. Ao lado dela está um homem de cerca de 75 anos de idade. Parente próximo. Esta senhora diz muito claramente: "Mãe" e acrescenta que conservou toda a sua presença de espírita até o último instante e ainda que esteve três anos enferma e finalmente que teve de partir. E mesmo a vossa mãe, a reconhecesteis?

Respondi com convicção: Tão bem como se ela se achasse lá defronte de mim. Não tereis visto uma das suas fotografias? indaguei.

- Não, respondeu-me o "guia", rindo-se. Olho, neste momento para a própria senhora está de pé ao vosso lado.

- Quem é o senhor que está com ela e do qual me falastes?

- Creio que deve ser vosso pai, respondeu o médium, mas não o distingo muito bem, claramente, para vo-lo descrever. Está com a vossa mãe. Só vejo isto. Ocupa-se de um trabalho. Tendes uma irmã de nome Emma?

- Sim. Qual idade parece ter? perguntei.

- Cinquenta e cinco ou sessenta anos (ela faleceu exatamente aos 57 anos), porém há uma outra irmã, jovem ainda. Vossa mãe me diz que nunca a conhecestes, mas que ouvistes falar dela. É a primeira vez que vejo esta irmã. A outra irmã, Kate, creio que já a vi. Ambas trazem John. É vosso irmão e deseja conversar convosco.

O Senhor Vanga fez uma contorção do rosto e do corpo como se sofresse vivas dores. Estranho silêncio seguiu-se. Eu esperava quase sem respirar. Um momento ainda e o "guia" disse: Sim, pertence ao nosso mundo. Não o percebo atualmente, mas sinto que é aparentado com estas senhoras. "Oh! minha cabeça como ela dói!" Vejo-o agora. Oh! está deitado lá sozinho. Quer que o saibais. "Peço as suas preces, Wal." Ele vos chama de Wal. Diz que é por este nome que sempre vos chamou. Tem sofrido. Chora, mas é de alegria porque vos revê. Repete várias vezes: "Que Deus o abençoe, Wal! Fiz mal, perdoa-me. Não poderei progredir se não me perdoar." Estende uma carta que escreveu, depois a rasga. Diz que é culpado de um grande erro, erro que vos pede perdoar e esquecer. Sente-se já muito melhor porque percebe que o perdoou. Não sei o que foi, mas sofre muito com isto. Reconhece hoje o mal que praticou. Já o perdoou?

- Mas certamente, respondi.

- Oh! Quão feliz é agora!

(Não foi senão depois de sérias reflexões que resolvi narrar esta sessão particular cujos detalhes são completamente exatos, pois a considero como uma prova bastante irrefutáveis da sobrevivência humana para a suprimir. Meu irmão John faleceu de morte violenta. O Senhor Vango o descreveu como exatidão. Meu irmão fez muitas coisas erradas, escreveu sobretudo cartas que causaram grandes aborrecimentos entre nós. Era um homem de uma inteligência notável e eu gostava muito dele, mas, ai dele, nasceu sob uma má estrela e daqui partiu depois de grandes tristezas e em um estado de profunda depressão moral. Espero revê-lo mais tarde no outro mundo onde eu creio que ele seja chamado para desempenhar um grande papel.)

Ainda uma longa pausa.

Depois, o Senhor Vango abriu os olhos e me perguntou:

- Recebestes algumas comunicações?

- Caro senhor, respondi, vós me vedes estupefata. Depois do que acabei de ouvir não me é possível alimentar mais dúvidas sobre o vosso maravilhoso poder e sobre a sobrevivência da alma.

O leitor observará que Rupert parecia não estar presente.

CAPÍTULO VII

Prova absoluta da sobrevivência

Foi numa sexta-feira, às 4 horas da tarde do dia 2 de novembro de 1917, que recebi do Senhor Vango a prova absoluta da sobrevivência da personalidade humana. Seria difícil explicar o fenômeno acima por qualquer outra hipótese. Todos os detalhes que me foram dados estavam bem longe de meu pensamento no momento de minha chegada à casa do Senhor Vango. Tomei as minhas precauções para que ele nada soubesse a respeito de minha carreira, nem outra coisa que pudesse fornecer-lhe indicações sobre a minha pessoa, embora não acredite que o Senhor Vango seja um homem que fosse tomar informações a meu respeito, nem que utilize as que lhe pudessem ser confiadas para enganar um visitante.

O Senhor Vango, assim como a Srta. Mac Creadie, têm uma vida muito cheia para ter tempo de ir buscar alhures informações sobre os seus consulentes. Em uma palavra, estou absolutamente certo de que o que se segue não foi resultado de nenhuma informação obtida pelo Senhor Vango. Aliás não lhe seria possível obtê-las e a telepatia está evidentemente fora de causa no presente caso.

Logo que entrei no salão, esse homem, tão bem dotado, me disse:

- O Senhor Stead está aqui ao vosso lado; em suma, ele entrou ao mesmo tempo que vós.

Eu não disse nada.

Depois o Senhor Vango sentou-se e pareceu "adormecer" logo.

- Bom dia, disse o "guia". O Senhor Stead está aqui, assim como o vosso filho, e ele vos deseja dizer algo.

- O quê? perguntei. Longa pausa.

- O Senhor Stead diz que tendes a intenção de escrever um livro. É verdade? E diz que o título é Rupert lives. O Senhor Stead o aprova.

- Como, perguntei, pôde o Senhor Stead ter conhecimento deste título?

- Já vos ouviu mencioná-lo.

- Onde?

- Em vossa casa mesmo. Ele foi lá certa vez com Rupert. Rupert e ele são dois bons amigos. Vosso filho está aqui no momento com o Senhor Stead. Ambos riem dizendo: "Sim, Rupert vive."

- Rupert tem algo a me contar?

- Sim; ele diz que vos ouviu dizer que provavelmente esta seria a última visita que fareis ao Senhor Vango, de modo que achou bom trazer com ele dois senhores que vos conhecem muito bem, acrescentando que, salvo o desaparecimento de seu

corpo físico, é exatamente o que era quando vivia convosco. Ele é feliz. "Eu vivo, Rupert vive!" diz, e é de opinião que não tereis mais dúvidas a este respeito depois de ter falado com os dois senhores que o acompanharam.

(Posso jurar diante de Deus que nada de semelhante ao que se seguiu jamais me viria à idéia. Os dois senhores seriam os últimos em que poderia pensar mesmo nos meus mais fantásticos sonhos).

- Procuo captar-lhe o nome inteiro, diz o "guia", mas é esquisito este nome. Ouço William, William, William só. Não, não o posso captar.

- Buscai ainda uma vez, pedi-lhe.

- Estou procurando. Não é um homem alto. Chegou há pouco entre nós. Tem entre 60 e 70 anos. Baixo, gordo, corpo largo. Fronte alta e larga. William... (uma pausa). Não, e-me impossível apanhá-lo. Ele diz que começais a adivinhar quem é ele. Conhecei-o?

- Por favor, continuai. Não gosto que me façam perguntas em momento crítico. Estou muito seriamente intrigado. Por favor, prossegui.

- Estes dois senhores sorriem ao vos ouvir falar assim. Eles vos conhecem. É claro. Dizem que chegarão a vos fazer compreender. William segura alguns papéis nas mãos, parecendo papéis de lei. Diz que esses papéis tinham relação com o vosso trabalho de igreja. Ambos são forçados a se interessarem sempre por esse trabalho.

- Como? perguntei.

- Sim, o segundo senhor segura uma tábua na mão e eu me pergunto o que quer dizer. (6)

(6) - A palavra tábua em inglês é board, mas parece, como veremos adiante, que o espírito queria dar uma indicação de seu sobrenome, pois tábua é um pedaço de madeira e madeira, em inglês, é wood, o sobrenome de um deles, A palavra board significa também comissão, uma comissão em que, aliás, tomaram parte. (N. T.)

- Qual é a vossa idéia?

- Não tenho a menor.

- Acreditais que ele procura dar-nos o seu nome?

- Talvez, mas penso que é outra coisa que busca fazer-nos compreender. Ambos se sentaram junto dessa tábua e, neste momento, aparecem outros senhores ao lado deles. Um é velho, muito fraco, o outro é mais alto e está vestido de pastor. Nunca levastes um assunto de igreja perante uma Comissão? Eis a impressão que tudo isto me dá. Oh! mas talvez que o nome do segundo senhor seja indicado pela tábua (board). Chamava-se Board?

- Não, respondi-lhe.

- Boardman?

- Tampouco. - É estranho. Tenho a impressão que a tábua (board) tem duplo sentido. Chamava-se ele Wood (madeira)?

- Sim.

- Ah! Eis ai. Estão contentes. Rupert e Stead apertam-lhes as mãos.

- E o nome do outro. Conseguistes? perguntei.

- Ainda não. É um nome diferente. Não, é inútil. Não o posso entender.

- Seria Wherry.

- Ah! Vós o dissestes. E este. Mostraram-se satisfeitos.

(O Regedor Wherry, o Rev. J. R. Wood, o Rev. J. H. Shakespeare e o Senhor D. Clarke eram os árbitros do supracitado caso da Igreja Batista de Chesham. Eu não estava de acordo com eles e depois obtive boas provas da justeza de meu ponto de vista. Os fatos se encarregaram de julgar o deles). (7)

(7) - Recebi cartas do Rev. J. R. Wood e do Rev. J. H. Shakespeare me aconselhando a deixar Chesham e me prometendo toda ajuda possível se eu quisesse fundar uma igreja em Londres, porque pensavam que o meu trabalho em Chesham havia terminado. Ao contrário, desde então fiz lá os maiores esforços e, Deus o permitindo, tenho toda esperança de o terminar nesta cidade.

Permaneci um momento sem falar.

- Desejam dizer-me alguma coisa? Perguntei-lhe afinal.

- Sim. Têm um grande desejo disto. Acham-se bem interessados pelo vosso trabalho. Estão obrigados ao estar. Utilizam assim todo o poder que Deus lhes deu para remediar um mal que fizeram. Desejam que as duas continuem como uma só. A união fará a força. Chama-vos de Senhor Wynn e diz que é preciso que lhes deis o vosso auxílio, sem ter receio de ser mal compreendido. (8)

(8) Pouco tempo antes de sua morte, o Regedor Wherry convidou-me para tomar chá no National Liberal Club. Naquela ocasião, ele me explicou por que se tinha recusado a visitar a Igreja Batista de Broadway pela segunda vez, depois que o Dr. Clifford e o Rev. J. H. Shakespeare procuraram unir as suas igrejas. O Rev. J. R. Wood, antes de sua morte, escreveu-me duas cartas para me exprimir o seu desejo de

um arranjo. Em 1908, quando se fez um esforço a fim de ir além da decisão dos árbitros, o Rev. J. H. Shakespeare me falou assim na casa do Dr. Clifford: "O Senhor Wood vos envia os seus cumprimentos e espera, Senhor Wynn, que façais todo o possível para influenciar essas pessoas. Eu lhe prometi fazer o necessário a este respeito". Como o Senhor Vango teria podido conhecer detalhes tão íntimos? E mesmo um absurdo fazer-se uma pergunta como esta. Minha opinião era bem conhecida do Regedor Wherry e do Rev. Wood. Eles se enganaram nesta questão e esta questão deveria certamente - em todos os pontos de vista - ser retificada. Eu o disse sempre. Certo estou de lhes ter falado muitas vezes, depois desta primeira sessão em casa do Senhor Vango.

- Podeis entender exatamente as palavras pronunciadas pelo Regedor Wherry?

- Sim; podeis escrevê-las. Ele diz: "Senhor Wynn, eu encaro as coisas hoje inteiramente diferente. Trabalho com todas as minhas forças para reparar a falta cometida. Senhor Wynn, confiai em Deus e em nossa ajuda. O Senhor Wood está inteiramente de acordo comigo. Reconhecemos ambos o nosso erro. O Senhor Wood deseja falar-vos." Agora é o outro senhor que fala.

- Como é ele? Podeis descrevê-lo?

- Sim, é mais alto do que o Senhor Very.

- Wherry, corrigi.

- Wherry, sim; ele usa chapéu de pastor, óculos, tem os olhos vivos, é um pouca curvo e ri gostosamente. Já o reconhecestes?

- Sim.

- Bom, ele diz: "Senhor Wynn, Irmão Wynn", ele vos chama de "Irmão Wynn", apertemos a mão. Eu estava errado. Era autoritário e duro. Devo admitir hoje que me achava bem enganado. Vejo claramente agora que era preferível para todo o mundo que

tivéssemos conservado a vossa antiga igreja. Perseverai, para o momento, na vossa conduta atual. Não há senão um que resta da Comissão. Compreendeis o que quero dizer. Desejamos ver vos de volta à vossa antiga igreja. Estou sempre lá para ouvir as vossas prédicas.

(Imediatamente aproveitei a ocasião para formular uma pergunta definitiva).

- Verdade? Então estivestes lá na noite do domingo passado?

- Sim.

- Quantas pessoas

- Estava repleto.

- Qual foi o assunto de minha prédica?

- Cristo Salvador (exato).

- Bem, Senhor Wood, não vos vejo nem ao Regedor Wherry, mas sinto que estais presentes.

Ele diz: "Sim, Irmão Wynn, estamos presentes e desejamos que continueis vossa obra até o sucesso definitivo. Ali chegareis. Almejamos ver a antiga igreja repleta dos crentes e cheia do Espírito de Deus. Até à vista e que Deus vos abençoe. Estamos jubilosos pelo grande trabalho que fazeis, mas lastimo profundamente o erro em que incorremos.

Longa pausa se fez.

O Senhor Vango esfregou olhos e despertou. Ele me olhava.

- Então! exclamou.

- Então, Senhor Vango, falei por minha vez.
- Então, repetiu.
- Podeis jurar que não sabíeis o que acabastes de me comunicar? perguntei-lhe.
- Posso, respondeu.
- Nunca ouvistes falar da Comissão de Árbitros da União Batista?
- Nunca.
- Ouvistes falar entre os batistas os nomes de Wherry, Wood, Clark e Shakespeare?
- Creio ter visto o último nome nos jornais, mas os três outros nomes nunca os ouvi. Conheço várias pessoas chamadas Wood e Clark, mas não conheço ninguém que se chame Wherry. É a primeira vez que ouço este nome.
- Nunca fizestes indagações sobre a minha pessoa, a minha atual igreja ou sobre a minha antiga igreja?
- Nunca, não conheço nada a vosso respeito. Meu caro senhor, levais as coisas muito a sério. Fazeis-me rir.
- Então não vos contarei nada.
- É melhor, é melhor mesmo não repetir nada, disse o Senhor Vango. E, assim sendo, vamo-nos despedir.

CAPÍTULO VIII

O Senhor Stead esteve lá ?

O leitor recordar-se-á de que, no capítulo anterior, eu disse que às 4 horas da tarde do dia 2 de novembro de 1917, no nº 55 da Talbot Road, Baysmaster, o Senhor Vango me informara que o Senhor Stead havia entrado no salão ao mesmo tempo em que eu. A 1º de novembro de 1918, recebia confirmação dista. Falava com a Srta. Stead de minha ida à casa do Senhor Vango e lhe dava detalhes da sessão. Ela me respondeu:

- É muito interessante, pois, na mesma tarde, o meu falecido pai me deu uma comunicação a vosso respeito. Vou remeter-vos as notas tomadas.

Aguardei, com impaciência, essa mensagem, mas não foi senão um ano mais tarde, no mesmo dia em que escrevia as últimas linhas do capítulo precedente, que a Srta. Stead me dirigiu a seguinte carta, o que me leva a crer que o Senhor Stead sabia, naquela ocasião, que eu teria necessidade desta confirmação.

The Review of Reviews
Bank Buildings, Kingsway
London, W. C. 2

1º de novembro de 1918

Estimado Senhor Wynn,

Acabo de encontrar as notas tomadas na sessão de que vos falei, quando o meu falecido pai veio fazer alusão à nossa conversa da véspera. Envio-vos, conforme prometido, uma cópia fiel das notas que então estenografei. Creio que a comunicação dele vos interessará muito.

Eis as notas em questão;

2/11/1917

"Meu pai fez referência à disputa teológica que eu tivera na véspera, em Holborn, com o Senhor Wynn. Disse-me que a havia assistido e que o nosso entusiasmo o divertiu bastante. - É curioso, diz ele, o Senhor Wynn quer sempre que todo o mundo concorde com a sua opinião. Sua idéia resume-se nisto: que ele aceitaria o Espiritismo se este se achasse de acordo com a teologia e com ele mesmo. Sabeis que é bem difíceis libertar-se de idéias preconcebidas e o caso das comunicações espíritas é muito ruim para as pessoas preconcebidas. Procure ajudá-lo porque ele nos é muito útil como jornalista. Defendeu-se muito bem, Fará sucesso. Seus métodos serão de grande peso. Sinto-me feliz por ver que ele não aceitou tudo como... A disputa deveria ter sido escutada pelo povo."

Não ia enviar-vos todas estas críticas, mas meu pai parece desejá-lo. Espero que as aceitareis tais como foram expressas, pois bem sabeis que são feitas sinceramente e que só vos desejo bem. Ele se mostra muito desejoso de que tenhais estas notas e estou bem

certa de que foi ele quem me ajudou a achá-las esta tarde. Essas folhas estavam extraviadas. Procurei-as desde a, nossa conversa e já começava a me desesperar de encontrá-las. Então, esta tarde, não sei por que, num repente, abri uma gaveta sem razão aparente, remexi nos meus papéis e a segunda folha que toquei era a que continha as "notas desaparecidas".

Peço-vos que aceiteis os meus melhores votos, bem com as minhas sinceras saudações.

Estelle M. Stead

Tendo tomado conhecimento da data inserida no alto destas "notas" quis logo saber como, onde, quando e por intermédio de quem essa comunicação foi transmitida. Escrevi a Srta. Stead a respeito, sem lhe dizer por que desejava tais indicações e ela me respondeu da seguinte maneira:

Smith Square,5

Westminster, S. W. 1

10/11/1918

Prezado Senhor Wynn,

A comunicação foi transmitida par intermédio do Senhor Peters, no fim da sessão à que assisti com a uma amiga. Foi, sem dúvida, pelas 4 horas e 15 minutos da tarde, porque a sessão começou às 3 horas e terminou as 4 e 15.

Estelle M. Stead

Comentários de minha parte seriam supérfluos. Às 4 horas da tarde desse mesmo dia, o Senhor Stead

conversava comigo. Recordo-me de que o Senhor Vango disse: "O Senhor Stead partiu neste instante." Era provável 4 e 20 na ocasião. Entre as 4 e 20 a 4 e 45, a Srta. Stead me dizia que seu pai lhe falava de mim, em outro quarteirão de Londres.

A Srta. Stead nunca soube de mim em qual hora desse dia eu havia conversado com o pai dela, nem por intermédio de quem.

A comunicação é inteiramente do feitio de Stead, bem dele. A maneira de falar da Srta. Stead não é absolutamente a mesma de seu pai e certamente não estaria pensando nunca em me fazer uma comunicação qualquer. Quanto ao Senhor Vout Peters, o médium, ele não me conhece de modo algum. Então, estudando minuciosamente todos estes fatos só se pode supor uma coisa: o Senhor Stead esteve lá mesmo. Pelo menos, pessoalmente. Não vejo outra explicação cabível.

CAPÍTULO IX

Novas relações íntimas

A dificuldade para o leitor de um livro como este é a de penetrar na vida íntima do autor. Se tal acontecesse, as provas que dei com uma, exatidão escrupulosa e as que vão seguir seriam as mais preciosas da sobrevivência humana.

No dia 19 de fevereiro de 1918, fiz ainda uma visita ao Senhor Vango. Eu não pensava de modo algum em Earby, Yorkshire, onde fora pastor durante doze anos e meio: 1892-1904. Meus pensamentos não estavam concentrados senão nesta cidade. O Senhor Vango numa: ouvira falar naquele lugar e muito menos que eu fora pastor ali. Sentou-se tranqüilamente na sua poltrona e me falou a respeito de seu "guia" que ele chama de Sunflower (Girassol). Contou-me tudo o que sabia a seu respeito (é uma mulher) e me mostrou, num quadro na, parede, o seu retrato que havia sido desenhado por um clarividente.

- Mas, Senhor Vango, observei eu, não pensais que este "guia" seja uma espécie de sócia de vossa personalidade, uma força inteligente, que, de um modo ou outro, se apodere de vosso cérebro? Espero que me compreendais bem: não tenho nenhuma dúvida quanto à vossa honestidade.

Ele apenas sorriu.

- Que imaginação têm os homens de ciência e os investigadores! respondeu. Sunflower é uma mulher e sua personalidade totalmente diferente da minha. Sei que os sábios discutem esta questão, mas o que dizem é sem razão. Minha experiência de trinta anos torna suas teorias sobre os fenômenos inteiramente absurdas. Poderia citar mil fatos como provas do que digo. Estamos cercados de seres desencarnados que podem comunicar; se conosco e o fazem. Todas as discussões do mundo inteiro não poderão eliminar os fatos.

- Mas talvez que tudo isto provenha do diabo. Que pensais disto?

- Se tudo isto vem do diabo, ele merece muitos cumprimentos e eu lhe agradeço. Foi ele quem me deu estes poderes? Não, Deus é o seu autor e eu o responsável perante Ele pelo modo que os utilizo. Dons do diabo! Esta idéia de diabo é um insulto ao Criador. Creio no Cristo, mas não estais espantado por ver homens honestos, desejosos de aprofundar os fatos e a verdade, virar as costas às igrejas que os perseguem?

- Bem, disse eu, posso ainda uma vez fazer uma sessão convosco, adormecido?

- Não me sinto muito bem hoje, respondeu, mas, já que viestes, tentarei.

O Senhor Vango fechou os olhos. Foi tudo. Um completo silêncio reinou durante alguns instantes, depois o seu corpo teve um estremecimento e

Sunflower, o "guia", falou no seu inglês bizarro, que melhorou à medida que a sessão se prolongava.

- Boa tarde, disse ela, ouvi todas as vossas observações. Por que não julgar pelo que vejo e o que vos digo? Não minto.

- Nunca pensei em tal coisa, respondi-lhe, mas explica-me como chegou a ser o "guia" do Sr. Vango.

- Vós não o compreenderíeis... Chegarei a fazer-me entender? E difícil explicar. Vários dos vossos amigos estão aqui comigo e um deles (que sorri) diz que vos provará que eu e o Senhor Vango somos dois. Ele é alto, bem proporcionado de corpo. Diz que deixou a Terra subitamente - caiu morto - estava tudo escuro - abriu os olhos para ver do outro lado! Ele me leva para fora de uma cidade, a uma elevação, dobra à direita do caminho que conduz ao alto de uma colina e à direita vê-se uma casa grande. Faz-me contornar essa casa. Entro pela porta. A direita acha; se um salão - à esquerda um aposento; desce-se um degrau e para. Chama-se William e vos chama de Walter. Mostra-me um cão e repete Jim, Jim, Jimmy. Sim, é este o nome de alguém? Compreendestes?

(O Presbitério de Earby e o caminho que leva ao mesmo são exatamente descritos com estas palavras. William Riddihough era diácono de minha igreja e morava em casa ao lado da minha. Faleceu subitamente durante o seu serviço. Seu filho chamava-se Jim Riddihough. Jimmy adorava um cão d'água que

possuía, mas que aterrorizava a minha família e a mim mesmo).

- Agora ouço o nome de "Rene", continuou Sunflower, mas não vejo ninguém. "Rene", sim, é "Rene" que ouço.

(Fiquei calado, mas "Rene" era o nome de minha cunhada, esposa do Rev. Fred. Wynn, de Chorlton Kings, Cheltenham, Glos).

- Agora é vosso filho que eu veja. Ele me diz que a casa descrita acima é a em que nasceu (exato) e que mais tarde morou em duas casas diferentes na cidade em que vós morais atualmente (exato); que havia três filhas: ele e o irmão que estão na Além (exato) e uma filha ainda viva (exato) que seu irmão morreu de uma doença da garganta (exato), que esse irmão está ao vosso lado no momento, que ele agora é grande. Os irmãos estão juntos, são inteiramente felizes. Vosso filho diz: "Meu pai, fiquei afastado no começo para deixar que William se manifestasse primeiro (William Riddihough era o maior amigo de Rupert em Earby). Estou quase sempre convosco na casa. Não deveis pensar que me acho longe de vós. Dai um abraço no pessoal de casa por mim. Boa noite. Vou voltar para casa em vossa companhia."

- Rupert, perguntei, você estava aqui na mesma ocasião que o Regedor Wherry e o Senhor Wood?

- Rupert responde que sim e diz que estes dois senhores estão aqui no momento. Somos grandes

amigos. Eles compreendem agora muito bem o que já compreendemos. Nada de preocupações porque tudo acabará bem. Haverá mudança para vós. Ireis a Sandy Lane. Há um trabalho importante para vós. Ou sereis utilizado para casos sérios um pouco mais tarde e ficareis afamado.

- Como você sabe de tudo isto, meu filho?

- Espíritos mais elevados me revelaram, respondeu.

(Seis meses depois fui enviado para a igreja batista de Sandy Lane, Bradford, e aceitei permanecer ali por um ano. Se fui útil e se fiquei afamado no que diz respeito às profecias extraídas da Bíblia sobre a guerra, deixo ao leitor o cuidado de o julgar, mas que me permitam observar, com uns reconhecimentos profundos, que depois do começo da guerra, parecia que eu era levado, forçado mesmo a fazer essas predições e que não podia dispensá-las, embora tal não me conviesse muito).

Então o Senhor Vango acordou repentinamente.

- Espero que tenhais recebido comunicações convincentes, disse-me ele.

- Sim, respondi; é maravilhoso, mais que maravilhoso se as comunicações espíritas não forem senão farsas...

- Ah! mas elas são grandes verdades, respondeu este homem notável.

- Senhor Vango, disse, queria pedir-vos algo. Conheceis médiuns particulares, que não dão consultas a todas as pessoas que se apresentam em casa deles?

- Sim, mas tenho receio de que não vos recebam.

- Bem, mas quereis mesmo assim fornecer-me alguns endereços?

O Senhor Vango atendeu ao meu pedido e a sessão terminou.

Tomei um táxi e fui imediatamente a um dos endereços dados pelo Senhor Vango. Os resultados desta visita foram tão maravilhosos que resolvi dedicar-lhe um capítulo inteiro.

CAPÍTULO X

Em casa de um médium particular

Parei na porta de entrada de uma casarão do West End, bati e fui atendido por uma criada que me disse francamente que eu não poderia ser atendido. O patrão estava em casa, mas ele não recebia senão raramente pessoas estranhas. Insisti delicadamente e finalmente me permitiu entrar no salão. Ouvi palavras em voz baixa, numa peça vizinha, a respeito, provavelmente, de meu recebimento. Abriu-se a porta e o patrão apareceu, olhou-me e eu lhe disse:

- Bom dia. Vós me conheceis?

- Não, respondeu, e, se vós vos ocupais de buscas espíritas para a polícia, perdeis o vosso tempo. Não aceito dinheiro e não desejo ver ninguém. Quem sois vós? Onde viestes? Se representais algum jornal, eu não desejo publicidade. Levo uma vida muito solitária.

Tudo isto foi dito vivamente por um homem nervoso.

- Escutai-me, por favor, disse-lhe eu. Fostes bem amáveis em me receber, mas, palavra de honra, venho como amigo. Sou um homem honesto e desejo apenas obter provas da sobrevivência humana. É tudo.

Depois de uma pausa, disse-me:

- Compreendo. Queira seguir-me.

Levou-me a um salão tranqüilo, que ocupa habitualmente, sentou-se e acendeu o cachimbo.

Eu não falava.

- Sinto-me mesmo feliz por terdes vindo, porque viestes com o Senhor Stead. Há muito tempo que ele não me vem procurar. A última vez foi alguns dias após o naufrágio do "Titanic", em que pereceu. Meus "guias" igualmente parece conhecerem porque me dizem coisas a vosso respeito. Sois um pregador, um orador, um autor e um redator.

- Mas, exclamei, tenho a aparência de ser tudo isto?

- Não, respondeu. Não vos pareceis com um pastor, mas os meus amigos espirituais não me enganam nunca. Vós tornais as coisas fáceis, porque sinto que sois psíquico. (A parte: Bem, Senhor Stead, já vos ouvirei, mas, no momento desejo explicar a este senhor o que sinto e o que vejo). Sois um místico, uma mistura notável, e tendes sido e o sereis ainda guiado pela Providência. Deus vos ajudou e vós ajudareis maravilhosamente, porque a vossa vida é uma vida de esforços. Muitos obstáculos têm sido colocados no vosso caminho, mais tudo isto não serviu senão para desenvolver a vossa vontade e a vossa personalidade. Vossa vida não teria tido valor de outro modo. À vontade de Deus tem sido sempre a de vos fazer descer para vos elevar em seguida. Não vos lastimei por isto. Deus vos utiliza mais do que o acreditais, para o bem da humanidade. Nascestes para dirigente, mas não age

como tal. É Deus, que é o Criador, quem vos conduz. Segui o vosso caminho, como se costuma dizer, e seguireis a rota traçada por Deus para vós. Sois pastor. Eu vós vejo proferindo sermões. Possuis um ponto fraco: a emoção. Ao lado de vós, vejo um dos vossos amigos, um velho amigo, um amigo íntimo.

Aí o interrompi, dizendo:

- Não desejo que diga o meu nome, nem quem sou. O amigo, que se acha a meu lado, pode falar-vos?

- Sim.

- Pedi-lhe então para não proferir o meu nome indicando-lhe apenas as iniciais.

A resposta foi tão rápida quanto um relâmpago: "W". Vejo uma espécie de quadro. Estais lá em um estrado, em um salão cheio de homens e mulheres. Sinto um poder espiritual extraordinário e esse velho amigo parece lançar no ar uma comprida fita azul na qual se lê a palavra "Liberdade". (A parte: Que dizeis, Senhor Stead?). O Senhor Stead me diz que vos conhece muito bem e que vós representais a liberdade: liberdade de palavra, liberdade de espírito, liberdade de alma. Pede-vos que desfraldeis ao vento a bandeira da Liberdade. Deseja que a façais subir no mastro. Tem uma confiança absoluta em vossa probidade.

- Obrigado, mas, se o Senhor Stead está verdadeiramente presente, ele deve saber que talvez tudo isto não seja senão conjecturas e generalidades de vossa parte. Sem fazer conhecer o meu nome, o

Senhor Stead poderá, com certeza, dar uma prova absoluta de sua presença.

- Sim; ele sorri, vos aponta a mão e diz que atenderá com satisfação ao vosso pedido.

Nova pausa se fez.

O Senhor Stead escreve no ar as palavras THE YOUNG MAN & WOMAN (Moço e Moça)

- Que quer dizer com isto? Perguntei, fazendo-me ingênuo.

- Não sei.

- Refere-se a um Jornal?

- Não sei.

- Já ouvistes falar de um jornal com este nome.

- Nunca, não frequento as bancas de jornais.

- Quereis ter a bondade de perguntar ao Senhor Stead de que se trata?

- Para mim parece que ele deseja que penseis em um moço e uma moça de vossa assembléia, mas ri e diz que sabeis muito bem o que ele quer dizer. Agora escreve WOMAN IS NOW MAN (A MULHER É AGORA HOMEM). Junta as mãos como em um casamento. Creio que se trata de alguns conhecidos vossos. Vejo ao lado do Senhor Stead um jovem soldado, que está muito alegre.

- Por quê? perguntei.

- Oh! Suponho que esteja encantado com a comunicação.

- Agradeço-vos muito. Poderia ainda procurar-vos um dia? Gostaria bem. Não tendes ainda uma idéia sobre a minha identidade?

- A menor.

- Já ouvistes falar de dois jornais, um com o nome de The Young Man e outro com o nome de The Young Woman, que são agora impressos juntos com o título de The Young Man & Woman (Moço e Moça)?

- Nunca. Como compreendeis, não saio senão raramente. Moro, na verdade, no meio de meus amigos espirituais. Há então um jornal com este nome. Sois o redator dele?

- Sou.

- Bom, então eu interpretei mal a comunicação. Não deveria então repetir senão o que vejo e o que ouço.

Saí da casa desse senhor, atônito, confuso e derrotado. Deixo aos leitores o cuidado de tirar as suas conclusões desta sessão.

Já lhe tirei as minhas.

CAPÍTULO XI

Cada vez mais estupefato

Paro aqui a fim de contar um fato que me confunde e que não faço outra coisa senão narrar. Escrevo este capítulo especialmente para a edificação do Dr. Mercier.

Certa tarde dominical, saía da Igreja Livre Unida. Acabava de dirigir-me a uma multidão desejosa de ouvir comentar o Novo Testamento e refletia profundamente ao vê-la retirar-se. No meio das desgraças e tristezas de então, falava do Cristo, do seu amor por nós, da sua crucificação. Alguns moços de Chesham acabavam de tombar no campo de honra e, como eu olhasse os seus pais e amigos em lágrimas, parei, de repente, presa de grande emoção, mas me contive logo para deter-lhes as lágrimas, explicando-lhes que o Cristo era a verdadeira vida. Afirmei-lhes que os seus queridos mortos estavam vivos, pois estava certo de que o meu filho Rupert existia sempre. Como ministro do Cristo, dominei as suas dúvidas e as suas tristezas. Foi um momento solene e, quando essa vasta assembléia cantou, antes de se separar, o hino *At even ere the sun was set*. (A tarde ao pôr do sol), acompanhado da bela música de Jude, vi os aflitos sorrirem através das suas lágrimas. A Cristandade não está morta e seria uma loucura em crê-lo. Se a doutrina

for explicada como deve ser, as almas aflitas terão nela a fonte da alegria, a fonte da vida.

Nesse dia memorável, entrando em minha casa, experimentei uma felicidade extraordinária. Falando do Cristo ressuscitado, parecia sentir anjos em torno de mim.

Quando saía da igreja, um senhor e uma senhora me detiveram. Ele era diretor de um banco de Lothbury (quarteirão de Londres) e ela sua cunhada. Perguntaram-me se eu podia atendê-los, pois a referida senhora desejava mostrar-me algo. Aceitei de boa vontade.

A senhora me disse possuir um poder estranho: o de obter comunicações por meio de um copo de vidro (9).

(9) - Nos meus primeiros tempos de Espiritismo, tivemos eu e a minha esposa ocasião de assistir a uma sessão chamada de copo. Fizemos perguntas mentais que foram prontamente respondidas e confirmadas por fatos posteriormente. (N. T.)

Já em minha casa, ela me pediu que eu lhe trouxesse um desses copos comuns, porém grosso e novo. Atendi logo ao seu pedido e conduzi meus visitantes para a minha biblioteca, sem que a referida senhora precisasse passar os olhos em torno.

Foi diretamente a uma mesa, colocada no centro do aposento, e, sobre um papelão com as letras do alfabeto, colocou o copo emborcado.

- Há pouco tempo, informou-me ela, perdi um primo na guerra e ele se comunica comigo por meio do copo, pelo qual chegou a convencer-me

completamente de sua presença. Quereis permitir, Senhor Wynn, tentar a mesma experiência convosco?

- Certamente, respondi-lhe. Estou sempre a recolher fatos novos e exatos.

- Obrigada. Meu primo já está aqui, eu o sei, eu o sinto.

A senhora colocou seus dedos levemente, muito levemente mesmo, sobre o pé do copo emborcado. Decorreram cinco minutos, depois o copo começou a girar ao redor, lentamente no começo, depois mais ligeiramente, fazendo um círculo cada vez maior até que ela, não o contendo mais, dirigiu-se sozinho para certa distância.

Fiquei maravilhado com isto.

- Posso tentar? perguntei-lhe.

- Mas certamente, respondeu-me a visitante. Estou curiosa por ver que resultados obtereis.

Coloquei os meus dedos, da mesma maneira, sobre o copo, que avançou um pouco, mas muito pouco. A dama colocou os seus dedos ao lado dos meus e imediatamente o copo deslizou com tal ligeireza que não o podíamos reter. Seria impossível sustentar que ora nós que impelíamos o objeto.

- Alec, perguntou a visitante, você está presente?

O copo indicou sucessivamente três letras.

YES - (Sim)

- Onde você passou a tarde?

WITH YOU TO HEAR GENTLEMAN PREACH

(Com você para ouvir este senhor pregar)

- Sobre qual assunto?

CHRIST THE SAVIOUR

(Cristo o Salvador)

- Qual é o nome deste senhor?

DONT KNOW

(Não sei)

- Se este senhor lhe dirigir a palavra, você lhe responderá?

YES - (Sim)

Logo pensei em submetê-lo a uma prova:

- Alec, pedi-lhe eu, quer fazer o favor de percorrer a casa e procurar algo que me foi ofertado há tempos pelo Senhor Gladstone?

Durante três minutos o copo permaneceu parado, embora os dedos da senhora estivessem levemente apoiados em cima dele. Depois, lentamente, as seguintes letras foram indicadas:

LIFE OF GLADSTONE BY MC CARTHY
DOWN STAIRS

(A vida de Gladstone por Mc Carthy lá em baixo).

(Este livro faz menção a mim).

- Não, disse eu, não é isto, é outra coisa. Tentai ainda uma vez.

Houve nova pausa. Depois o copo indicou:

A PICTURE OF HIM IN THIS ROOM

(Um retrato dele neste aposento)

- Este retrato acha-se efetivamente neste aposento, repliquei, mas não foi nele que eu pensei. Quereis ter a bondade de tentar ainda uma vez?

A LETTER IN A FRAME

(Uma carta em um quadro)

- Ora, Alec, é absurdo o que você diz, falou a senhora. Você quis mesmo dizer que é uma carta e um quadro?

NO - (Não)

Sem dizer palavra, levantei de minha cadeira e, de um lugar do alto de minha biblioteca, lugar para o qual a dama nunca havia levantado os olhos, aliás no qual nada poderia ver, descí uma carta em um quadro. A carta havia sido escrita pelo Senhor Gladstone e levava a data de 22 de junho de 1896. Pode-se ler essa carta no livro do Senhor Justin Mc Carthy The Life of Gladstone.

- Que caso espantoso! exclamou a dama. É maravilhoso!

- Na verdade, minha senhora, disse eu, sim, é maravilhoso.

Acrescento que, quando eram obtidas estas respostas, eu não tocava no copo. A sessão só durara meia, hora e ela nunca levantara os olhos de cima da mesa. Na verdade eu não havia pensado nem no livro, nem no quadro.

- Alec, disse eu, tudo o que acaba de acontecer é maravilhoso. Meu filho está aqui?

YES STANDING BY YOU BUT HE HAS TO GO
NOW TO HELP FELLOWS PASSING OVER
GOOD NIGHT (10).

(10) No original, todas as palavras estão mesmo em letras maiúsculas, seguidas e evidentemente sem pontuação. Para facilitar a tradução, não só as separei como, quando preciso, fiz a pontuação necessária. (N. T.)

(Sim. Está ao vosso lado, mas ele vai partir agora para ajudar os companheiros que estão desencarnando. Boa noite).

Todos nós lhes demos uma “boa noite” simplesmente como se o tivéssemos visto deixar a sala.

CAPÍTULO XII

A senhora do "Strand"

Chama-se Senhora Wesley Adams. Já havia lido várias narrativas a seu respeito. Não lhe pedi nenhuma entrevista e não falei com ninguém sobre a visita que lhe pretendia fazer. Fui duas ou três vezes a casa dela até encontrá-la.

- Vós me conheceis, Senhora Adams.

- Não.

- Não tendes nenhuma idéia de meu nome, de minha identidade?

- Não.

- Bem, quereis ter a gentileza de fazer uma sessão comigo?

- Não estou me sentindo bem hoje, mas tentarei.

Sentou-se e, em alguns minutos, estava adormecida. De repente, uma voz, com forte acento irlandês, me dirigiu a palavra.

O "guia" me falou de várias pessoas que achavam presentes, mas não reconheci nenhuma delas. Estávamos no dia 11 de março de 1918 e, nessa ocasião, eu estava longe de pensar que os sermões sobre as profecias, por mim feitos na Igreja Livre Unida de Chesham, teriam um grande interesse mundial no mês de setembro do mesmo ano de 1918.

Certamente eu não pedira ao Star para fazer reclame jornalístico delas. Isto dito, deixo o "guia" falar:

"Os espíritos, que vos rodeiam, me dizem que sois um pregador. Há um deles que experimenta por vós um vivo interesse. Ele me diz que vos conheceu muito bem e que vós o conhecestes igualmente. Acrescenta que tivestes desde a primeira mocidade um ideal: Ajudar o mundo. Mostra-se hoje muito contente pelo auxílio que vos prestou. Ele me leva a uma grande cidade, onde me mostra um Instituto ou Colégio onde se preparam os moços que são enviados pelo mundo a instruir. (Uma pausa). É para ali pregarem, ao que creio. Diz-me também que deixastes o Instituto na idade de 23 anos. Partistes de lá para vos ocupar de deveres espirituais. Ele não sabe rir - sorri gostosamente apenas. É um senhor gentil, de cor morena. Sempre vos estimou muito, teve confiança em vós, está certo de vossa influência. Deseja saber se o reconhecestes.

- Alfred Towers, disse eu em voz baixa.

Ela continuou:

- Ah! Queira segurar-me a mão.

A Senhora Adams me apresentou a sua mão, de um modo tal que nunca o poderia ter feito em seu estado normal. A maneira pela qual ela me segurou a mão me deixou emocionado. O Senhor Alfred Towers era, o Instrutor de minha turma no Instituto de Westbourne Park, de onde partiram para o mundo inteiro homens

de valor dos quais sou o mais apagado. Eu deixaria a meu estimado pastor, o Dr. Clifford, o cuidado de provar se o "guia" dissera a verdade a respeito do Senhor Alfred Towers, o místico, o homem de Deus, e se a alusão ao seu sorriso teria podido ter origem telepática. Mas houve ainda coisas mais maravilhosas.

Pedi ao Senhor Towers para me dizer o seu nome, mas o "guia" não o conseguiu captar. Sir Oliver Lodge já me havia escrito que a maior parte dos médiuns mostram uma grande dificuldade em pronunciar nomes. A despeito desta lacuna, estou convencido de que o próprio Senhor Towers se achava conosco. Todas as discussões do mundo não me fariam mudar de idéia e afirmo mesmo, que, se o Dr. Clifford tivesse estado lá conosco, ele seria da mesma opinião. Por quê? Porque o Senhor Towers revelou certas coisas (por intermédio dessa senhora) a meu ponto de vista pessoal, a respeito dos meus deveres eclesiásticos e da igreja batista que teriam deixado o Dr. Clifford mudo de espanto. Por que não publicá-los? perguntareis vós. Bem que o gostaria. As peças mais preciosas, as provas mais absolutas da sobrevivência humana que eu possuo, a meu pesar, o mundo nunca as conhecerá. Mas continuemos.

- Este senhor, continuou o "guia", diz que estais na iminência de anunciar a verdade (11). Procuo captar, mas é algo bem misturado, alguém ou alguma coisa por vir. Eu não entendo não, mas ele afirma que tendes

razão e que mais tarde os vossos escritos serão lidos pelo mundo inteiro. Neste ano mesmo, sim, neste ano.

(11) - *A doutrina do Novo Testamento do Segundo Advento.*

(Peço ao leitor que entenda que só faço copiar fielmente as notas que tomei durante a sessão).

- Sim, neste ano. Pelos jornais atraireis a atenção do mundo sobre a grande verdade. Ele diz que achava bizarras as vossas idéias quando as enunciastes no Instituto. Sois dotado do dom da palavra. Ele sorri gostosamente, mas hoje sabe que éreis igualmente clarividente. Que quer ele dizer? - Não importa, respondi-lhe eu, continuai por favor.

- De qualquer forma, ele e todos os que o acompanham estão encantados. Diz que ireis ainda uma vez à América.

(Eu já havia feito em 1912 uma série de conferências nos Estados Unidos e no Canadá).

- E se eu nunca estive na América? perguntei ingenuamente.

- Oh! não sei nada disto. Só vos transmito o que entendo. Há água em torno de vós. Um navio. A América. Vós ireis mesmo.

(O futuro apontará a verdade. Nada, no momento, me faz prever esse fato).

- Continue o vosso trabalho, diz ele. Não tenhais medo de ninguém. Sois guiados e o sereis cada vez mais. Ele vos envia lembranças. Ei-lo que parte. Há um jovem soldado que se aproxima; é muito moço,

alto, delgado, de mãos compridas. Diz ter vinte anos, possui uma testa maravilhosamente larga, queixo arredondado e forte; um belo jovem, um homem de caráter. Os cabelos não são lisos.

Aponta com o dedo para o peito, ele morre... e parte. Está há bem pouco tempo entre os espíritos esse belo rapaz de lindo caráter, que diz: "É meu pai, meu guia, meu professor, meu querido velho Pa, eu o amo."

(Peço-vos que me perdoem, mas não pude conter a minha emoção. Esta cena foi para mim tão real que mesmo ainda hoje no escrever estas linhas. tremo de emoção).

- Meu querido velho Pa e um bom homem! Estendei-lhe a mão. Ele deseja saúda-vos. Agora vós abraça. Coloca os braços em torno de vós e diz: "Não chores, Pa Eu estou bem. Lembranças a todos de casa".

- Chega, Rupert, exclamei eu, chega, meu filho, tudo é verdade, chega de emoções.

(Não semente a descrição de meu querido filho era exata em, todos os detalhes, mas eu sentia que se achava ali meu filho, meu Rupert! Mesmo que fosse o diabo que o personificasse, etc agradeceria ao diabo, porque naquele momento me sentia mais perto que nunca de Deus e do mundo futuro).

- Também diz, continuou o "guia", que deseja que ides com ele à primeira. casa em que morou, onde usava calça de veludo (uma roupa que eu gostava de

vê-lo usando. Isto constituiu para mim uma prova maravilhosa). Vejo uma casa construída de pedras, construída separada, com a vista para uma grande extensão, muitas janelas, terreno em volta. Recorda-se de que era lá que usava a calça de veludo. Ele mostra neste instante um retrato de sua mãe, uma senhora baixa, delgada, de olhos escuros, cabelos começando a embranquecer. Sente-se sempre ligado a ela por grande amor e simpatia (a descrição de minha esposa é exata). Ele está com a sua tia Emma (minha irmã Emma faleceu em Cheltenham há longos anos).

- Como conseguistes dar este nome? indaguei.

- Eu o ouvi claramente, respondeu-me ela. Ele diz que possui na vossa casa um grande retrato dele, onde se vê o seu rosto de lado - assim: (exato), mostra-me como está de uniforme. Diz ainda que viestes procurar-me hoje porque escrevestes um livro e ele vos auxilia. Exclama: Publique-o, Pa! É obra de Deus. Vejo também com ele uma senhora idosa. Chama-a de vovó. É vossa mãe. Como ela ama este rapaz! É muito orgulhosa dele, é uma verdadeira cristã, esta senhora idosa - (uma pausa) - todos partiram. A reunião terminou. Até à vista.

A Senhora Adams abriu os olhos.

- Tendes uma idéia do que acabais comunicar, Senhora Adams? perguntei-lhe.

- A menor, senhor.

Despedi-me, agradecendo com um “ate a vis”.

CAPÍTULO XIII

Uma revelação espantosa

Estou certo de que todo leitor, sem preconceitos, depois de ter lido os capítulos anteriores, admitirá que os fatos relatados justifiquem a minha crença na sobrevivência de meu filho Rupert Wynn, que ele vive no Além, é feliz, se interessa por mim e tudo o que me diz respeito. O que posso acrescentar sobre as narrativas é que eu jamais deixei de tomar as maiores precauções para que fossem exatas. Meu trabalho, durante cinco anos, como redator do jornal *The Young Man & Woman*, me obrigava a examinar escrupulosamente todos os fatos. Deve-se observar que comecei estes estudos e investigações com um grande ceticismo, mas os fatos verificados destruíram inteiramente todas as minhas dúvidas e todas as minhas objeções.

Li *The Psychic Phenomena* (Os Psíquicos) de Hudson e *The Human Personality* (A Personalidade Humana) de Myers. Estudei, com cuidado, cada uma das teorias propostas para explicação dos fenômenos. Fiz, em dois anos, mais pesquisas do que muitos homens fizeram a vida inteira e cheguei à mesma conclusão que a apresentada por Sir Oliver Lodge e o

Senhor J. Arthur Hill. O tempo me provou que o que dizia Stead é verdade "Estamos cortados pelos espíritos de nossos entes queridos que partiram para o Além." É provável que todos os fenômenos não sejam explicados da mesma maneira e, na verdade, eu me pergunto se chegou a saber como e de qual maneira os espíritos dos mortos agem para se utilizarem certos seres psíquicos, mas, embora haja um terreno ainda não explorado deste lado, não se pode ignorar o fato de que os desencarnados nos enviam mensagens. Isto admitido, o problema se resolve assim "Os que nos falam são realmente nossos caros mortos?" Minha resposta pessoal é afirmativa. A prova de que meu filho falou comigo é, na minha opinião, indiscutível. Entretanto, se o leitor tem ainda dúvidas, creio poder dissipá-las.

Certa ocasião, no mês de julho de 1918, tomei um trem de 3º classe na estação de Marylebone (quarteirão de Londres) para ir a Chesham. No fundo do compartimento, estavam sentadas duas senhoras, uma defronte da outra. Eu lia meu jornal he Evening Standard. Quando o trem se aproximava de Harrow, ouvi uma das senhoras dizer à outra:

- "Com licença. Sou espírita e médium. Espero que a senhora não se assunte, mas o espírito de sua mãe está sentado ao seu lado e me diz que desencarnou recentemente. Ela me pede para lhe comunicar alguma coisa."

Jamais me esquecerei da impressão da senhora à qual foram dirigidas estas perturbadoras palavras. Ela empalideceu. Sem dúvida alguma todos os seus preconceitos religiosos se despertaram nela e, numa disposição de espírito anticientífico, exclamou:

- Mas eu não acredito no Espiritismo. Isto é contra os meus princípios. Aliás, eu não a conheço nem a senhora a mim. Como pode saber que a minha mãe morreu?

- Sei que a sua mãe partiu para o outro mundo porque é ela mesma quem me diz, respondeu a outra. Está sentada ao seu lado e me diz que o nome da senhora é Grace. (Aqui se seguiu uma mensagem pessoal que modificou, de um só golpe, as idéias da senhora céptica. Infelizmente não posso publicar do que se tratou).

Voltando-se para mim, a médium disse: "Creio que o conheço. É o Senhor Wynn, de Chesham, não é? Vosso filho Rupert foi outro dia a uma das nossas sessões e me pediu que fizésseis uma sessão comigo e o meu marido, na sua biblioteca, e que permitísseis que o meu marido vos fotografasse".

Essa senhora me falou tão tranqüilamente e de um modo tão simples e natural como se me oferecesse uma xícara de chocolate.

- Minha senhora, respondi-lhe. A Senhora Wynn e eu teremos grande prazer em recebê-los na nossa casa.

A Senhora Rice, a senhora em questão, foi com o seu esposo a Chesham, reunindo-nos na minha biblioteca. A Senhora Rice, que reside em Nara Northwood, Middlesex, nunca fora à nossa residência. Nada lhe contei a respeito de Rupert e preparei mesmo certas perguntas para experimentar-lhe a clarividência.

Ela não ficou sentada senão poucos minutos quando incorporou o espírito de William T. Stead. Era o todo, as maneiras, a voz do grande jornalista inglês.

- Bom dia, Wynn, feliz por vê-lo novamente. Trouxe Rupert comigo. Viemos com o fim de convencê-lo de vez, embora eu acredite que já esteja convencido.

- Quem é você? perguntei.

- Stead. É possível que eu seja algum outro?

- Ótimo, sinto-me contente por você ter vindo - se é mesmo o Stead - mas, se é você mesmo, o seu espírito tão fino poderá certamente fornecer-me uma prova, produzir um fato ao qual não pense no momento e que seja impossível que esta senhora conheça.

- Certamente; nós nos encontramos há pouco tempo, foi a resposta.

- Sim? perguntei eu.

- No almoço com a minha filha (vivamente)

- Onde?

- Perto do Strand (exato)

- Você me deixa tonto, Stead.

- Você não tem necessidade de ficar tão espantado! Sou bem eu que estou presente. É uma simples verdade. Procuramos, cá de nosso lado, tornar-lhe útil. Apresse a publicação de seu livro. Ele será lido pelo mundo inteiro. Rupert deseja falar-lhe.

Longa pausa.

- Meu amor para todos; é tão estranho; Ruskin (nome de seu irmão que era impossível que a Senhora Rice ouvira falar) está aqui comigo. Minha mãezinha! Meu querido velho Pa! Já preparamos aqui um lugar para os dois.

Depois da referência a Ruskin, meu primogênito, pareceu-me cruel perguntar: Quem é você? Então disse tranqüilamente:

- Rupert, meu filho, você faz objeção a que eu lhe peça algumas provas mais?

- Absolutamente. Nada disto. Até que o desejo.

- Onde você se deitava nesta casa?

- Neste aposento mesmo. Lá no canto (com vivacidade).

- Pode dizer-me como é que você chamava o gatinho?

- Tibba (vivamente).

- De que cor era o pêlo da velha gata?

- Preto e branco.

- Você fez alguma coisa por ela?

- Sim, fui eu quem a trouxe do campo, bem pequenina, para a casa. Estava suja e quase morta.

- Em qual lugar guardava as suas cartas?

- Naquela gaveta (a médium apontou-a com o dedo).

Todas estas respostas foram exatas.

A Senhora Rice abriu subitamente os olhos e nós lhe contamos o que havia acontecido.

- Não sei nada disto, respondeu-nos ela docemente.

Combinei em seguida com a Senhora Rice para obter uma fotografia de Rupert. O Senhor Rice é dentista de profissão e não tira fotos senão para se distrair. Retirei todos os quadros das paredes do salão de Nara Northwood, onde me achava com a Senhora Wynn. Examinei todo o local, não que suspeitasse de coisa alguma, pois a Senhor Rice é um homem bem conhecido pela sua honestidade e sua probidade, mas porque eu desejava responder pessoalmente a qualquer crítica feita pelos céticos. As quatro primeiras experiências não tiveram êxito. A quinta deu um resultado notável. Era o rosto de Rupert. Trago sempre comigo esta fotografia. Já a mostrei a fotografes peritos e todos admitem que lhes seria impossível, por meios comuns, compor tal fotografia. O rosto de Rupert é algo indistinto, mas, quando eu mostrei a fotografia, sem comentários, à sua irmã, ela exclamou?

- É Rupert!

Mostrei-o igualmente ao Dr. Clifford e à sua filha. A Srta. Clifford, como eu, não o via muito claramente, mas o Dr. Clifford, com grande espanto nosso, sem os

seus óculos, reconheceu-o logo. Ele disse tranqüilamente:

- Podem dizer o que quiserem, mas vivemos no Além.

Talvez que um dia tenha melhor sorte e possa mesmo publicar uma fotografia melhor. Na expectativa de tal momento, estou certo de que possuam uma fotografia espiritual do meu filho.

CAPÍTULO XIV

Ouço uma voz

Estando absolutamente certo de Rupert e autorizado a crer na realidade de sua fotografia, acreditei mais na que havia ouvido dizer a respeito das comunicações obtidas pelo médium de trombeta, por meio da qual os espíritos falam diretamente. Eu havia lido o maravilhoso livro do Almirante Moore *The Voices* (As Vozes) e a Srta. Stead procurou arranjar uma sessão para mim com a Senhora Wriedt, mas essa senhora, tão maravilhosamente dotada de poderes psíquicos, achava-se então na América. Entretanto, no dia 29 de agosto de 1918, consegui ser admitido incógnito numa sessão realizada pela Senhora Susannah Harris, em Tufnell Park (Londres). Essa senhora não viu com bons olhos minha presença na sessão. Quem era eu? Um detetive? etc.

Observo, de passagem, que me parece um absurdo que as pessoas possuidoras de dons mediúnicos sejam perseguidas quando os utilizam. Assegurei-lhe então que fora levado por motivos puros e elevados. Enfim, consentiu-me que eu fosse adquirido com mais dois senhores. Éramos desconhecidos uns dos outros e o mesmo sucedia com a Senhora Harris.

Um médium porta-voz ou de trombeta é uma pessoa que diz possuir um poder que permite que as do outro mundo nos falem com sua própria voz, por meio desse instrumento.

A luz foi levada do local, explicando-nos a Senhora Harris que, por uma razão desconhecida dela, a obscuridade era necessária para a obtenção de bons resultados. Foi a trombeta colocada no centro do aposento e os assistentes sentaram-se em círculo. Examinei o local assim como a trombeta e não notei nada de suspeito.

As outras pessoas permaneceram sentadas tranqüilamente, sem fazer observações. A médium os imitou. Eu havia ficado justamente defronte dela. Dez minutos escoaram. De repente escutei distintamente uma voz que dizia:

- Um jovem deseja falar ao senhor que se acha defronte de vós.

Eu escutava com toda a atenção.

- Meu pai! (Era uma voz diferente, mas muito distinta). E eu continuava a ouvir com toda a atenção.

- Sinto-me feliz porque o senhor tenha vindo e contente porque fez tantos esforços para chegar até mim.

A voz não era distintamente a do Rupert, mas devo ser indulgente para com esta verificação quando me recordo de que, no telefone, é muitas vezes difícil reconhecer as vozes dos amigos mais íntimos, quanto

mais por meio de uma trombeta e em condições especiais. Todavia, senti, se esta impressão deve pesar em semelhante fato, que a voz era bem a de Rupert. Quem falava devia fazer evidentemente um grande esforço. Então, quando ouvi as palavras "Meu pai" pela segunda vez, disse:

- Sim, meu filho.

A voz continuou:

- Peço-lhe transmitir mamãe e a todos de casa.

- Eu o farei, mas não poderia fazer-me uma comunicação que me fornecesse uma prova de sua pessoa.

- Sim, há dias lestes cartas minhas (exato), Procurastes achar o meu relógio de pulso e não o conseguistes (exato). Não importa. Conservai o que lhe enviou o Ministério da Guerra.

- Meu filho, onde você morreu?

- Lá na França. Não sofri coisa alguma.

Tudo voltou ao silêncio. Ouvi depois diversas vozes se dirigirem a outros senhores, um dos quais parecia zombar, porém uma voz se elevou, falando-lhe de sete crianças das quais era o pai.

Novamente fez-se silêncio e a Sra Harris observou que a reunião terminara.

Deixei a casa em companhia do pai dos sete filhos. No caminho, então conversamos:

- Que pensais de tudo aquilo? perguntei-lhe.

- Estou atônito, confessou-me. É um mistério. Fui lá justamente para descobrir a fraude. Sou ventríloquo, mas me seria impossível fazer falar, como verifiquei esta noite, quatro vozes distintas ao mesmo tempo. Tivestes mesmo um filho que morreu na França?

- Sim.

- E o que ele vos disse ainda era verdade?

- Sim.

- Não compreendo nada disto. A médium não me conhecia de forma alguma. É um mistério.

Deixei esse senhor na estação de Tufnell Park e nunca mais o vi. Sou de sua opinião. É um mistério, mas o caso é verdadeiro e eu o confirmarei mesmo no "Dia do Juízo Final". É ainda um destes fatos que devem ser examinados pelos homens de Ciência, homens que saibam reconhecer que há outras coisas no céu e na terra além das que eles conhecem.

CAPÍTULO XV

Resultados e conclusões

O leitor tem o direito de me formular esta pergunta: "Quais efeitos causaram estas pesquisas sobre a vossa crença, como pastor cristão?"

Respondo-lhe francamente o seguinte: "Não redigi uma ata de sessão em que não tivesse obtido provas da sobrevivência de meu filho. Procurei fazer a narração sem nela misturar poesia e sentimento, mas muito do que não pude publicar provaria duas coisas:

1º - que não seria prudente para outros senão sábios ou pessoas ponderadas estudar estes fenômenos;

2º - que a degenerescência mental ou moral é o resultado, para alguns, de seu contato com maus espíritos.

Estou certo de que mais provas poderiam ser fornecidas em apoio de minhas afirmativas, mas, no que me diz respeito, estas pesquisas tiveram por efeito fortalecer minha crença no Cristo e nos ensinamentos do Novo Testamento. Do mesmo modo que o estudo das profecias da Bíblia fez deste um novo livro para mim, o Senhor Vango e a Srta. Mc Creadie, aos quais devo um grande reconhecimento, abriram meus olhos para uma nova luz. Compreendo hoje centenas de coisas da Bíblia que, de modo algum compreendia outrora. Sou

um pregador evangélico. As mesmas verdades, que alimentaram as almas de Oliver Cromwell e Charles Haddon Spurgeon, me alimentaram também. Eu prego as mesmas verdades. Estas pesquisas não as abalaram absolutamente. Antigamente, eu acreditava na sobrevivência por um ato de fé, hoje eu acredito nela porque sei que é uma verdade. Reconheço que o Cristo tinha razão quando ele dizia que se é feliz crendo sem ter visto, mas é uma felicidade para mim que Ele não tenha recusado a Tomé, o doutor, uma prova absoluta e tangível da imortalidade da alma.

- Carta do Senhor. J. Arthur Hill, autor do *The man is a spirit* (O homem é um espírito)

Claremont, Thornton.

Bradford, 10 de dezembro de 1918

Caro Senhor Wynn,

Li, com grande interesse, o vosso livro *Rupert lives*, e vos dirijo alguns comentários, como me pedistes.

Para começar, permiti-me criticar-vos. Na minha opinião, falastes muito ligeiramente quando: dissestes que "certamente não se tratava de telepatia" porque não pensáveis, no momento, nos fatos indicados. Se um fato é conhecido do assistente, mesmo que não se lembre dele, de modo algum, na ocasião, mas que não

deixa de ser conhecido dele e existir no seu subconsciente, não é justo dizer que em tal fato, narrado pelo médium, não houve telepatia. De outro lado, acho que é muito comum apoiar-se na telepatia, já que, nas minhas pesquisas pessoais, nunca cheguei a verificar que o meu espírito tivesse influência sobre o médium e, mais ainda, tive muitas vezes a prova de que o que me era dito estava muito além do meu saber consciente, bem como além do que eu poderia, com razão, chamar de meu saber inato. Sou, portanto, de opinião que a telepatia não pode ser a verdadeira explicação de vossas experiências, de modo que, se o livro fosse meu e não vosso, não empregaria nele a palavra certamente.

E os nomes? Lastimais um pouco, muito mesmo, sobretudo no começo de vossas experiências, da impossibilidade de os médiuns dá-los corretamente. Na minha opinião, não foi tanto assim (10). Por exemplo recebestes o nome "George Newtown" ou "Newton", um "Davidson, um "Bob" (com detalhes de identificação da pessoa) , um "Henry Parker", os nomes de vossa irmã Emma, de vosso filho Ruskin, há muito no Além, e diversos outros. A facilidade de captar nomes depende do poder do médium, pois, se este é incapaz de entender ou compreender um nome, o espírito é forçado a recorrer a símbolos ou a transmiti-los em linguagem pitoresca.

(10) - Na Inglaterra, há nomes e sobrenomes ingleses, Escoceses e irlandeses de difícil ortografia e de pronúncia muito diferente da que se pode imaginar, Há na

Escócia grande quantidade de clãs cujos nomes são precedidos de um Mac ou Mc. Aqui sai Mc Creadie em vez de McCreadie, que poderia passar por erro de revisão. Pronuncia-se Macridi. (N. T.)

Quanto as comunicações dadas por uma mesa falante, elas não devem ser contadas como provas no verdadeiro sentido da palavra se os fatos já forem conhecidos de um dos presentes que a toquem, todavia alguns desses fatos não eram de vosso conhecimento e se, verdadeiramente, não os conhecestes nunca, deve-se admitir que eles são impressionantes.

Como o sabeis, ser cético por temperamento e incapaz de aceitar, sem reservas, as afirmativas de outrem. Perguntas me vêm ao espírito, por exemplo: "Como posso estar certo de que o médium não o tenha conhecido?" Então, hesito naturalmente. Não posso julgar pró ou contra, como o próprio investigador. Já fiz a experiência de colocar uma outra pessoa em meu lugar e Pô-la a par de minhas pesquisas pessoais. Não espereis, portanto, que eu seja sempre de vossa opinião, mas afirmo, todavia, que as vossas experiências se assemelham de perto às minhas e que as vossas interpretações são, em suma, as minhas próprias. Creio na sobrevivência da alma humana. Creio também que, em certas condições, os chamados mortos podem se comunicar conosco, que eles vivem e progridem em um estado que não é muito diferente daquele que deixaram, que eles conhecem o que acontece cá na Terra e que se interessam pelos seus acontecimentos até um certo ponto, enfim, que os

nossos amigos espirituais se apresentarão para nos receber no momento de nossa partida para o Além. Tudo isto foi aceito por mim na base da evidência - uma base de fatos - de verdades. (11)

(11) - Recomendo ao leitor a leitura de "A Crise da Morte", do Professor Ernesto Bozzano, edição da Federação Espírita Brasileira (N. T.).

Como vós, comecei as minhas pesquisas com grandes preconceitos religiosos, produto da inexperiência. Não desejava, de modo algum, a imortalidade da alma, porque a minha vida terrena não havia sido bem feliz e eu não queria vê-la repetida e ainda menos desejava entrar no outra vida tal como os padres me prometiam, isto é, o inferno eterno, já que as minhas idéias teológicas não estavam de acordo com as deles. Portanto, eu não tinha nenhum interesse pessoal em fazer essas experiências, pois não havia perdido recentemente nenhum parente próximo ou amigo, e não deseja entrar em comunicação com alguém particularmente. Meu fim era o desejo de saber, meus métodos eram, e o são ainda, friamente científicos. Examino os fatos, pouco importando aonde eles me levassem. Agistes da mesma maneira, com uma perseverança e lealdade que são bem difíceis de serem mantidas, porque um padre está antes ocupado em influenciar os outros que a se deixar influenciar ele mesmo, ou me exprimindo de outra forma: Credo já possuir a verdade, ele não a procura. Sois, por isto mesmo, mais digno de estima. E, embora me exprima com mais prudência que vos - vós direis talvez com

mais timidez, mesmo hipocrisia - as minhas conclusões psíquicas são, em suma, as vossas. Estou certo de que o vosso livro contribuirá grandemente para estabelecer a prova da sobrevivência da personalidade humana depois da morte do corpo.

Sinceramente vosso

J. Arthur Hill

- Nota do autor a respeito da carta do Senhor J.
Arthur Hill.

Estou contente por ver que o Senhor Hill, cuja estreita associação com Sir Oliver Lodge torna a sua opinião valiosa, é de minha opinião. Pensa, também ele, que é pouco provável que a telepatia possa explicar os fenômenos de que tratei. Reporto-me ao termo certamente. A telepatia não pode influenciar uma fotografia. Reconheço que o retrato que possuo é bem o de meu filho. A cabeça não se assemelha à minha, nem como forma nem como tamanho. Os óculos são autênticos. Eu, não os uso. A testa é perfeita, mas, se não se pudesse controlar tudo isto, há um feitio especial do nariz, que constitui uma prova irrefutável. Essa forma do nariz é o resultado de um acidente de bicicleta do qual o Senhor Vango fez referência. Se o espírito tem o poder de se fazer fotografar, os outros fenômenos certamente podem ser reais e não são imputáveis à clarividência ou a

clariaudiência puras. Como querer que a telepatia explique o anúncio de acontecimentos que eu ignorava e não esperava de modo algum? Alguns desses acontecimentos previstos se realizaram, outros estão a caminho, outros acontecerão muito provavelmente. Os espíritos não cooperam para a sua realização? Agradeço sinceramente ao Senhor Hill pela sua grande amabilidade.

Walter Wynn

FIM